

I Must Not Tell Lies: desinformação e teorias da conspiração

Editor

Pedro Fonseca

Entrevistas e artigos

Michael Butter, Renée DiResta, Karen Douglas, Michael Hameleers, Zarine Kharazian, Stephan Lewandowsky, Nahema Marchal, Rasmus Kleis Nielsen, Walter Quattrociocchi, Joana Gonçalves de Sá e Philipp Schmid (reprodução e tradução autorizadas pelo [European Science-Media Hub](#)); Adrien Basdevant e Rahaf Harfoush (CC BY NC SA) e Comissão Europeia/UNESCO (CC BY 4.0)

Design Gráfico

Sara Dias

Fotografia de capa

Annie Spratt

Produção

Conclusão das Letras

Versão online em [TICtank.pt](#)

Setembro de 2021

Patrocínio



03 A Internet salvou o idiota da aldeia mas fez aumentar a desinformação

Pedro Fonseca

11 A educação pode ajudar contra as teorias da conspiração

Michael Butter

17 “A eficácia do combate à desinformação da Covid-19 depende do grau de confiança no governo”

Renée DiResta

22 O que leva as pessoas a acreditar nas teorias da conspiração?

Karen Douglas

26 “A maneira mais eficaz de combater a desinformação parece ser uma combinação de programas de literacia mediática e a verificação de factos”

Michael Hameleers

31 A investigação sobre a desinformação na pandemia da Covid-19.

Zarine Kharazian

37 A persistência da desinformação e a disseminação das “fake news”

Stephan Lewandowsky

42 “As pessoas que procuram conteúdos de porcaria, porque os acham divertidos ou porque são simplesmente curiosas, vão sempre encontrá-los”

Nahema Marchal

48 O vácuo da informação tende a ser preenchido pelo rumor

Rasmus Kleis Nielsen

53 Infodemia e como a desinformação se espalha nas diferentes redes sociais

Walter Quattrociocchi

59 “Mitigar a pandemia da desinformação ‘vacinando’ primeiro os indivíduos susceptíveis”

Joana Gonçalves de Sá

63 Sobre a negação da ciência, desinformação e a importância da confiança do público na segurança e eficácia da vacina Covid-19

Philipp Schmid

69 Histórias e contra-histórias. Itinerário das notícias falsas online

Adrien Basdevant e Rahaf Harfoush

73 Identificar e lidar com as teorias da conspiração

Comissão Europeia/UNESCO

A Internet salvou o idiota da aldeia mas fez aumentar a desinformação

Pedro Fonseca

Introdução

É muito difícil desmentir um teórico da conspiração. É difícil mas não é impossível.

Apesar de vivermos em tempos onde a informação conspiratória e a factual co-existem como pares no mundo online, as teorias da conspiração são crescentemente objecto de estudo e o entendimento do seu funcionamento está mais acessível.

A crença destes teóricos vive da "suposição desnecessária de conspiração quando outras explicações são mais prováveis", escreveu David Aaronovitch em "Voodoo Histories: The Role of the Conspiracy Theory in Shaping Modern History" (2009).

Há mais de uma década, Aaronovitch [descreveu](#) algumas das técnicas usadas por estas pessoas para legitimarem as suas ideias e captarem mais soldados para os estranhos exércitos inorgânicos de uma também estranha guerra da desinformação.

Uma delas advoga "a teoria de 'não é uma teoria'" mas tão só uma procura pela verdade a partir de "questões perturbadoras". O teórico não ensina mas inocula a mente do aluno com a dúvida, que este terá de resolver. As perguntas só fazem sentido quando se está predisposto a crer que existe mesmo uma conspiração secreta.

Outra técnica passa por embrulhar a teoria da conspiração numa "credibilidade académica", com a apresentação da teoria num modelo de artigo científico ou pela citação (tantas vezes descontextualizada) de académicos não defensores da teoria em questão.

Em resumo, esclarece Aaronovitch, "os conspiradores são sempre vencedores. Os seus argumentos têm uma determinada flexibilidade, pela qual qualquer verdade nova e inconveniente pode ser acomodada dentro da própria teoria. Assim, problemas embaraçosos e óbvios na teoria podem ser atribuídos à desinformação deliberada originada com os

conspiradores imaginários a tentarem evitar os teóricos de descobrirem a verdade. Uma crença na conspiração do assassinio da princesa de Gales afirmou que foi a própria proliferação de teorias absurdas sobre Diana que a convenceu de que se tratava do [serviço de espionagem] MI6 em acção, a tentar encobrir o seu real papel no assassinato".

A ideia não se afasta muito da "teoria da conspiração da sociedade" delineada por Karl Popper em 1958, "uma crença em deuses cujos caprichos e vontades governam tudo. Isso vem de abandonar Deus e perguntar então: 'Quem está no seu lugar?' O seu lugar é pois preenchido por vários homens e grupos poderosos - grupos de pressão sinistros, que são culpados por terem planeado a grande depressão e todos os males a partir dos quais nós sofremos".

Para Popper, a teoria "é muito difundida e contém muito pouca verdade. Apenas quando os teóricos da conspiração chegam ao poder, isto se torna algo como uma teoria que explica as coisas que realmente acontecem", algo que denominou de Efeito de Édipo.

Os desconstrutores da apofenia

60 anos depois, parece que pouco mudou. "Quanto mais fácil se tornou produzir informação, mais difícil é consumir essa informação - e mais difícil o nosso trabalho para separar o espúrio do significativo", [escreveu em Agosto](#) o ex-técnico contratado pela NSA, Edward Snowden.

"Os humanos são máquinas criadoras de significado, procurando ordem no caos", numa "paisagem digital distópica" onde se confundem "padrões planeados com coincidências convenientes e até significativas". O resultado é a criação de "um mundo separado para cada indivíduo".

Neste mundo privado e único, "notam-se padrões que os outros não conseguem" ver. Assim, "fabricar significado a partir da mera coincidência é a essência da paranóia, o portal para a construção do mundo das suas próprias conspirações privadas - ou então para uma epifania que permite que se veja o mundo como ele realmente é".

Apofenia, chamou-lhe o psicólogo alemão Klaus Conrad, a capacidade de

"entender padrões que não existem realmente", estabelecidos por "uma autoridade invisível que deve estar a puxar os cordelinhos".

Realmente, parece que pouco mudou em décadas e, pelo contrário, se acrescentaram novos elementos, do jornalismo de massas às plataformas sociais online, das "fake news" à desinformação política ou, recentemente, na saúde.

"Historicamente, não vivemos numa era de teorias da conspiração", explica Michael Butter no primeiro capítulo desta obra. Desde o século XVI aos anos 1960, o normal era "acreditar em teorias da conspiração em todo o mundo ocidental", isso não era menosprezado e muitos líderes políticos o fizeram.

Não só a percentagem de crentes destas teorias diminuiu em grande escala mas, ao contrário da percepção mais óbvia, também "há muitos poucos indícios de que as teorias da conspiração se tenham realmente tornado mais populares nos últimos meses". O que pode ter acontecido é que os seus defensores "se tornaram mais radicais e as suas convicções mais fortes".

"A desinformação existe provavelmente desde que os humanos comunicam", reforça Joana Gonçalves de Sá, mas "a media social piorou o problema: as informações viajam mais rápido e nem sempre são filtradas. Pelo boca-a-boca, só se conseguia atingir um número limitado de pessoas. A media impressa poderia alcançar mais, mas havia apenas alguns fornecedores de informação - ou de desinformação! Mas agora, com a media social, todos podem ser amplificadores. A Covid-19 também tornou mais visível a desinformação que já circulava sobre ciência, saúde e nutrição", refere.

Num efeito de re-alimentação, a Internet trouxe uma maior visibilidade a estas crenças que se tinham afundado em subculturas herméticas. Se antes os teóricos da conspiração não conseguiam publicar as suas ideias nos media tradicionais, as redes sociais deram-lhes palco e mais ligações pessoais, contribuindo para uma disseminação facilitada das suas mensagens.

Neste ambiente, "é muito difícil separar os media tradicionais e sociais", que co-existem nas mesmas plataformas com um universo imparável de conteú-

dos gerados pelos utilizadores, nota ainda Renée DiResta.

A importância das camadas epistémica, existencial e social

É neste ambiente que chapinha a desinformação. O termo é usado em português para juntar definições mais precisas em inglês, a "disinformation" (informação intencionalmente enganadora) e a "misinformation", de informação errada ou imprecisa. Ambas se confundem nas teorias da conspiração. Como explica Karen Douglas, "a crença das pessoas nas teorias da conspiração é impulsionada por três necessidades psicológicas importantes (epistémica, existencial e social). Especificamente, as pessoas precisam de conhecimento e certeza (epistémica), para se sentirem seguras, protegidas e no controlo (existencial) e para se sentirem bem consigo mesmas e com os grupos a que pertencem (social). Quando essas necessidades importantes não são atingidas, as teorias da conspiração parecem ter algum apelo".

Também Philipp Schmid considera as teorias da conspiração apelativas pelos mesmos três motivos psicológicos: "os

indivíduos procuram encontrar explicações causais para eventos importantes, como uma pandemia. As teorias da conspiração (por exemplo, que a Covid-19 é uma arma biológica) fornecem uma explicação simples - isto é, satisfazem uma necessidade epistémica. Em segundo, os indivíduos procuram sentir-se seguros. Outras teorias de conspiração (por exemplo, que a Covid-19 não existe) fornecem uma maneira simples de sair de um ambiente ameaçador, fornecendo uma ilusão de segurança - ou seja, satisfazem uma necessidade existencial. Terceiro, os indivíduos querem pertencer a um grupo social e as teorias da conspiração são uma maneira fácil de definir um grupo intragrupal (os crentes) e um grupo externo (os conspiradores que estão realmente no controlo e são os culpados) - isto é, satisfazem uma necessidade social".

Perante motivos tão fortes, como combater a desinformação? A literacia mediática e a verificação de factos são normalmente chamadas a intervir mas, como vários anos de actividade têm demonstrado, as suas estratégias só podem estar erradas.

Michael Hammeleers salienta também que os governos podem ajudar as pessoas a distinguir "misinformation" de "disinformation" e a encontrar informação confiável que ajude a combater a pandemia.

"A diversidade de actores, fontes e motivações é o que torna a desinformação sobre a Covid-19 tão difícil de erradicar", sustenta Zarine Kharazian. Esta investigadora analisa o movimento QAnon para demonstrar como um movimento marginal foi "catapultado para o 'mainstream' por influenciadores e políticos de extrema-direita, incluindo o próprio presidente dos Estados Unidos" que lhe deu uma credibilidade antes diminuta.

O "apelo" do QAnon é também o de "ser um sistema abrangente e versátil de crenças que pode integrar rapidamente conspirações adicionais sem comprometer a visão do seu mundo subjacente". Isso foi feito com a Covid-19 porque a sua integração não exigiu "muito trabalho adicional".

Do lado das audiências deste movimento, "alguns acham muito mais fácil acreditar em conspirações malignas do que aceitar a aleatoriedade", explica Stephan

Lewandowsky. Existe um espírito de grupo em que "as pessoas tendem a crer em coisas que também são acreditadas por aqueles ao seu redor. Por exemplo, se acredita que a Terra é plana e todos ao meu redor acreditam que a Terra é plana, eu também acredito. Se sou a única pessoa na minha aldeia que acredita que a Terra é plana, então provavelmente tendo a acreditar que sou o idiota da aldeia. E era assim que as coisas funcionavam antes da media social - olhava-se em redor e era-se avaliado pelo que as outras pessoas pensavam. É claro que às vezes há divergências, mas em geral as pessoas tendem a não se extremar totalmente por conta própria".

Haverá sempre "conteúdos de porcaria"

A Internet salvou o idiota da aldeia porque "qualquer crença, por mais absurda que seja, será apoiada online por alguém. No momento em que têm essa experiência comunitária, as pessoas tendem a manter essa crença porque têm a ilusão de que muitos mais a estão a partilhar".

Este sentimento de pertença a uma tribo

leva-as a procurar "conteúdos de porcaria, porque os acham divertidos ou porque são simplesmente curiosas [e] vão sempre encontrá-los", refere Nahema Marchal. E, em muitos casos, esses conteúdos são pura desinformação que tende a preencher "o vácuo da informação", como o denomina Rasmus Kleis Nielsen. "Uma das razões pelas quais algumas pessoas acabam por se envolver com a desinformação é que procuram informação, não encontram fontes credíveis e fiáveis e acabam por confiar em coisas em que provavelmente não deveriam confiar", diz. Perante o vazio da informação credível, que nem os media tradicionais conseguem ocupar, "temos de estar preparados para uma longa crise".

"A propagação de um vírus ocorre independentemente da vontade das pessoas. A difusão da informação, no entanto, acontece por escolha. Nós escolhemos a informação. Não escolhemos uma infecção viral. Esse resultado fez-nos reconsiderar as premissas matemáticas para estudar estes processos", especifica Walter Quattrociocchi. São processos que podem contrariar ideias tidas como certas. Um exemplo é a teoria difundida à exaustão de que as falsas notícias se

espalham mais rapidamente do que as verdadeiras. Não só o estudo original onde surgiu essa conclusão se referia apenas à plataforma social Twitter como "não existe nenhuma diferença substancial entre como as notícias falsas e as fiáveis se tendem a disseminar", refere Quattrociocchi. "A velocidade a que as informações se espalham depende do público e das especificidades de cada plataforma de media social", embora sejam ajudadas pelas "echo chambers", os ambientes fechados em que os envolvidos se re-alimentam com o mesmo tipo de (des)informação e evitam as visões alternativas.

Desta forma, reconhece Joana Gonçalves de Sá, "é mais provável que se partilhem coisas que confirmam o que já se pensa" ou se tenda a acreditar mais no grupo de amigos do que em especialistas, convivendo ainda com o efeito Dunning-Kruger, "em que pessoas com níveis de conhecimento mais baixos tendem a exagerar o quanto sabem".

Os "anti-vaxxers" são um exemplo: "leram e pensaram sobre isso, mas estão longe de ser especialistas, embora se classifiquem como tal ou mais. Achamos

que as pessoas mais susceptíveis a notícias falsas são aquelas que exageram fortemente o quanto sabem sobre um determinado assunto".

Não é o que sucede neste livro. Após um conjunto de análises e visões sobre as práticas das teorias da conspiração e da desinformação, num conjunto de entrevistas elaboradas para o European Science-Media Hub, terminamos com algumas breves notas sobre as notícias falsas online, do Conseil National du Numérique de França, e as recomendações da Comissão Europeia e da UNESCO para identificar e lidar com as teorias da conspiração. ■

A educação pode ajudar contra as teorias da conspiração

Michael Butter

01



Michael Butter é professor de Estudos Americanos na Universidade de Tübingen. Autor de "The Nature of Conspiracy Theories" (Polity, 2020) e investigador principal do projecto "Populism and Conspiracy Theory", financiado pelo European Research Council (ERC).

Co-editou o "Routledge Handbook of Conspiracy Theories" com Peter Knight. Pode falar sobre alguns dos "insights" que se destacam ou são relevantes para o momento actual da desinformação infodémica e relacionada com a Covid? Como nascem as teorias da conspiração?

É difícil dizer como nasceram as teorias da conspiração porque na maioria dos casos só as vemos quando já estão a circular. O que podemos dizer é que, ao contrário das chamadas "fake news", a maioria das pessoas que espalham teorias da conspiração estão genuinamente convencidas de que estão a ajudar a verdade a vir à tona. Isso não significa que não haja pessoas a apanhar a boleia ou a empurrá-las intencionalmente por razões económicas ou políticas. Por exemplo, Donald Trump não acredita certamente em todas as teorias da conspiração que difundiu ou aludiu nos últi-

mos anos - ele faz isso muito por razões estratégicas.

Outra coisa que é importante ter em mente é que, historicamente, não vivemos numa era de teorias da conspiração. Desde o surgimento das teorias da conspiração modernas - provavelmente nalgum ponto durante o início do período moderno no século XVI - até à década de 1960, era bastante normal acreditar em teorias da conspiração em todo o mundo ocidental. Se tivéssemos inquirido as pessoas naquela época, teríamos encontrado 90% delas a concordarem com crenças conspiratórias. Hoje, na maioria dos países europeus, essa percentagem ronda um quarto a um terço da população. Pode ainda ser muito, mas é consideravelmente menos do que teria sido há 100 ou 200 anos.

Algo que podemos acrescentar em relação ao contexto actual do coronavírus é

que há muitos poucos indícios de que as teorias da conspiração se tenham realmente tornado mais populares nos últimos meses. Acho que o que aconteceu é que as pessoas que sempre acreditaram em teorias da conspiração, no contexto de uma pandemia que ameaça o seu bem-estar, se tornaram mais radicais e as suas convicções mais fortes. E é importante acrescentar que quase nenhuma das teorias da conspiração relacionadas com o coronavírus é realmente nova. As teorias da conspiração tendem a reavivar padrões anteriores ou a agarrar-se a teorias da conspiração existentes. Um exemplo da última instância são as teorias da conspiração do coronavírus que abordam a substituição da população ["population replacement", teoria racista que defende estar a população branca a ser substituída por outros povos].

Sobre o que disse das teorias da conspiração não serem tão populares, acha que os media dão a falsa impressão de que essas teorias da conspiração são mais prevalentes do que o são na realidade?

Na Alemanha, certamente. Os jornalistas tornaram-se altamente sensibilizados

para as teorias da conspiração e consideram-nas, por boas razões, perigosas, sabendo que podem levar à violência ou representar um perigo para a democracia. Em resultado disso, desde Março de 2020 tem havido muitas reportagens relevantes na media alemã. Mas acredito que a preocupação de que se 20 mil pessoas vão para as ruas, por exemplo, então deve haver milhões que também acreditam nessas teorias, está errada. Acho que muitas vezes a visibilidade é confundida com popularidade. Há uma linha ténue entre noticiar algo que é interessante e relevante por um lado e fazê-lo crescer desmesuradamente por outro, dando-lhe mais cobertura do que realmente merece.

Existem diferenças entre as teorias da conspiração contemporâneas e antigas. E quanto ao seu desenvolvimento por líderes políticos?

Era perfeitamente normal acreditar em teorias da conspiração no passado. Não foi menosprezado, é por isso que tantos líderes políticos o fizeram. O exemplo mais horrível de uma teoria da conspiração com consequências devastadoras é o da teoria da conspiração judaica, que

se tornou a ideologia dominante dos nacional-socialistas na Alemanha, levando ao Holocausto. Mas mesmo a guerra civil dos Estados Unidos não teria acontecido da maneira que aconteceu se não fosse pelas teorias da conspiração, já que na década de 1850 ambos os lados em guerra as protegiam. O Sul pró-escravidão pensava que os abolicionistas eram secretamente controlados pela Grã-Bretanha e planeavam destruir os EUA e os abolicionistas opunham-se, entre outras coisas, ao que chamavam de "ameaça do Poder dos Escravos" - a ideia de que os proprietários de escravos iriam querer expandir a escravidão por todo o lado nos E.U.A.

No grande esquema das coisas, os políticos que usam teorias da conspiração têm sido mais a regra do que a exceção. O que é diferente agora é que Trump, por exemplo, usa-as numa época em que não é considerado normal acreditar nelas. Mas ele faz isso porque são uma forma de conhecimento estigmatizado e porque isso lhe permite transformar-se num populista que está a resistir às elites ou formas de conhecimento de elite e promove a vontade do povo. Vale a pena ter em mente que esse processo de

estigmatização por que passaram as teorias da conspiração a partir da década de 1960 foi principalmente restrito ao mundo ocidental. No mundo muçulmano ou em países asiáticos, esse processo não ocorreu, tanto quanto sabemos. E também não aconteceu com o mesmo grau nos países do Leste Europeu.

As teorias da conspiração são utilizadas como uma ferramenta de mobilização?

Acho que sim, definitivamente, e a actual eleição nos Estados Unidos foi um exemplo disso. Acho que o que Trump conseguiu fazer foi criar uma coligação entre dois grupos, os eleitores republicanos tradicionais e pessoas receptivas à retórica populista. Os movimentos populistas são bons a unir pessoas que acreditam em teorias da conspiração, mas também pessoas que não acreditam e no processo de protesto comum formam uma coligação entre eles. Além disso, na maior parte da sua campanha de 2016, Trump usou rumores de conspiração porque lhe permitiam que ele se distanciasse. Ele não disse as coisas explicitamente, mas introduziu ideias. As teorias da conspiração também podem permitir aos popu-

listas que já estão no poder continuarem a posicionar-se como "outsiders" e a explicar porque as promessas da campanha não foram cumpridas. Porque, por exemplo, havia um "estado profundo" imaginário que esteve a trabalhar activamente contra eles.

Como pensa que a tecnologia afectou a maneira como as teorias da conspiração se propagam pela rede ou como as pessoas se envolvem com elas?

A Internet trouxe mais visibilidade, mas visibilidade também significa disponibilidade, o que provavelmente levou a um aumento modesto de pessoas que acreditam em teorias da conspiração. Depois das teorias da conspiração que foram estigmatizadas por volta dos anos 1960, elas não desapareceram completamente mas mudaram para subculturas que eram bastante herméticas. Os teóricos da conspiração tiveram problemas para publicar as suas ideias porque a media profissional não as aceitava, mas a Internet mudou tudo isso. Além disso, os teóricos da conspiração estão melhor ligados agora e podem afirmar as crenças uns dos outros com mais facilidade.

O que foi o COMPACT ["Comparative Analysis of Conspiracy Theories" ou Análise Comparativa de Teorias da Conspiração, um projecto que envolveu duas instituições portuguesas] em que esteve envolvido?

O COMPACT foi uma acção COST [European Cooperation in Science and Technology]. Na realidade, foi um projecto em rede com mais de 150 académicos de 35 países e a ideia foi sintetizar a investigação sobre teorias da conspiração na Europa em todas as disciplinas e idiomas. O nosso [site](#) inclui muitos recursos educativos.

As teorias da conspiração desaparecem? Como podemos neutralizar as relacionadas com a Covid-19?

As teorias da conspiração dificilmente morrem - elas apenas se tornam menos importantes. A única coisa que sabemos que ajuda contra elas é a educação. A propensão a acreditar em teorias da conspiração está altamente correlacionada com o nível de educação. O processo de estigmatização que empurrou as teorias da conspiração do "mainstream" para as margens a partir do final dos

anos 1950 nos Estados Unidos foi realmente desencadeado pela popularização do conhecimento das ciências sociais - descobertas da ciência política, sociologia, psicologia, entraram realmente na vida quotidiana dos americanos naquela altura.

Acredito realmente que a chave é a educação, para ensinar às pessoas que as teorias da conspiração fundamentalmente interpretam mal o mundo porque exageram a intenção humana e subestimam consequências não intencionais, efeitos estruturais e outros. Se conseguirmos isso, acredito que haverá menos teorias da conspiração. ■

**“A eficácia do
combate à
desinformação da
Covid-19 depende
do grau de
confiança no
governo”**

Renée DiResta

02



Renée DiResta é Technical Research Manager no Stanford Internet Observatory. Investiga a propagação de narrativas malignas nas redes sociais e outras redes de media. As suas áreas de investigação incluem desinformação e propaganda por actores patrocinados por estados e desinformação e teorias da conspiração na saúde. Foi conselheira do Congresso norte-americano, do Departamento de Estado e de outras organizações académicas, cívicas e empresariais, e estudou desinformação e propaganda computacional no contexto das conspirações da pseudociência, terrorismo e guerra da informação apoiada pelos estados. [Esta entrevista foi realizada em Junho de 2020.]

Pode explicar-nos algumas coisas sobre o [Virality Project](#) que lançou no Stanford Internet Observatory?

O objectivo do projecto é examinar as semelhanças e diferenças nas maneiras como os estados-nação se comunicam sobre a questão da Covid-19, tanto para os seus cidadãos quanto na sua diplomacia pública online voltada para o exterior. Começámos a analisar a China, Rússia, Arábia Saudita, Venezuela e os Estados Unidos e, mais especificamente, as formas como as informações são direccionadas a públicos específicos e como a desinformação da Covid-19 está a funcionar nesses países.

Viu algo que se assemelha a coordenação em termos de como diferentes actores estatais promovem a desinformação online da Covid-19?

Estamos a procurar formas pelas quais um país aprende a narrativa de outro. Por exemplo, vimos a Rússia a usar conteúdo da media estatal iraniana e chinesa e a veiculá-lo nos seus próprios canais. O que se vê é a media russa, [Russia Today ou] RT ou Sputnik, a relatar, por exemplo, que o ministro das Relações Exteriores iraniano sugeriu que o coronavírus era uma arma biológica americana. Com efeito, eles repetem a teoria da conspiração do outro governo sem afirmar que eles próprios a apoiam. Já vimos a Rússia

fazer isso no passado com os protestos de Hong Kong, por exemplo, onde pegavam e publicavam narrativas da media chinesa sobre manifestantes violentos. Essa sobreposição de informações é fundamental para garantir que certos temas são repetidos e reforçados.

Mencionou a RT e como ela é considerada na questão da desinformação. No contexto da desinformação da Covid-19, é capaz de comparar como o legado e os media sociais contribuem para esse problema?

É muito difícil separar os media tradicionais e sociais neste momento e passei muito tempo a tentar enfatizar que já não são distintos. A media tradicional também está presente nas redes sociais. O aspecto da media social que ainda é distinto ocorre quando é um conteúdo exclusivo par-a-par que está a disseminar-se, onde as pessoas são criadoras e também condutas. Assim, na nossa investigação, tentamos examinar esta diferenciação entre o conteúdo "bottom-up" gerado pelo utilizador versus a media ou o conteúdo gerado pela media estatal "top-down".

Tem uma ampla experiência na pesquisa da desinformação antivacinas. Quanta sobreposição viu entre os actores envolvidos nisso e a Covid-19?

Existe uma grande quantidade de sobreposições. A desinformação da Covid-19 é maior do que apenas com os anti-vacinas. Estes "anti-vaxxers" estão muito activos no espaço da desinformação da Covid-19, mas outros grupos também participam. Vê-se que as comunidades anti-vacinas têm estado activas nas plataformas online há cerca de dez anos, [mas] elas desenvolveram as suas redes extensivamente nos últimos cinco.

Os "anti-vaxxers" não querem nenhuma vacina porque acreditam que os estudos de segurança são falsificados ou que o governo ou os fabricantes de vacinas lhes estão a mentir. Portanto, esta dinâmica é uma tendência subjacente à conversa da Covid-19 nos Estados Unidos actualmente. Mas também vemos os "anti-vaxxers" em Espanha, Itália, Roménia, Polónia, Ucrânia, pelo que há alguns outros países onde eles prevalecem na discussão sobre a Covid-19.

Mencionou que um dos desafios que os governos enfrentam é a desinformação em relação à vacina da Covid-19. Tem alguma ideia sobre como lidar com isso?

A eficácia do combate à desinformação da Covid-19 depende realmente do grau de confiança no governo. Essa dinâmica é a mesma em torno da desinformação em relação às eleições. Existem certos lugares onde as contra-narrativas do governo simplesmente funcionam melhor. Esses locais costumam ter um elevado grau de confiança nos media e de confiança no governo. Assim, haverá um grande espectro de como essas situações se vão desenrolar. Nos Estados Unidos, temos um baixo grau de confiança no governo e de confiança nos media, bem como a crença generalizada de que a pequena media online é de alguma forma melhor ou menos “comprometida” do que a grande media institucional e o governo. É a percepção. As fontes de media que as pessoas escolhem seguir são essenciais para este problema específico, porque dependendo em quem elas confiam, vão ter ou informação boa ou má.

Como vê a desinformação da Covid-19 a afectar a próxima eleição presidencial [ocorrida em Novembro de 2020, entre Donald Trump e Joe Biden]?

Qualquer história pode alimentar uma teoria da conspiração se for enquadrada de uma certa maneira. Por exemplo, nos protestos nos EUA, muitas pessoas estavam próximas umas das outras, pelo que as hipóteses de uma segunda vaga aumentaram significativamente. Nalguns meios de comunicação social, pudemos ver o posicionamento dos manifestantes - a maioria dos quais do partido político oposto ao do presidente - como os instigadores que causaram a segunda vaga. Acho que haverá muitas teorias da conspiração sobre a contagem das mortes. Nos EUA, o número de mortes foi um tópico de teorias da conspiração, com influenciadores online a sugerir que certos tipos de mortes foram erroneamente classificados como Covid-19, o que aumentaria o número de vítimas e arruinaria as chances de re-eleição do presidente. Existem tantas camadas diferentes disto.

Existem aspectos ou estratégias de desinformação da Covid-19 que não são discutidas actualmente pelos decisores políticos?

O foco da política deve estar nos problemas sistémicos que possibilitam as várias formas de desordem da informação, não em características ou tácticas específicas. Infelizmente, de vez em quando, vêem-se coisas focadas nos recursos, como a aprovação do "Bot Bill", que geralmente ficam desactualizadas antes de a lei ser assinada. O "Bot Bill" é uma lei que os legisladores da Califórnia decidiram aprovar para regular os "bots" automatizados nas redes sociais. Mas há muitos problemas com essa lei. Estava mal definida, os legisladores não podiam realmente articular o que queriam dizer com "bots", eles não podiam realmente articular quem deveria ser responsável por eles, pelo que acabaram por colocar a responsabilidade de declarar que uma conta é automatizada no próprio dono da conta, o que é bizarro. Pessoas que querem estar do lado certo da lei, pessoas que usam "bots" para negócios ou fins artísticos, são as que irão declarar - mas também são aquelas cujos "bots" não são prejudiciais ou manipuladores de

qualquer maneira. Não há nenhum "troll" russo a usar automação maliciosa que vá cumprir essa lei. Portanto, é importante que os reguladores entendam que não se devem aplicar sobre essas pequenas tácticas, mas sim concentrem-se em aspectos de alto nível, como os pilares estruturais que resultam em danos online e em como podemos lidar com eles. ■

O que leva as pessoas a acreditar nas teorias da conspiração?

Karen Douglas

03



Karen Douglas é professora de psicologia social na Universidade de Kent. Estuda porque as pessoas acreditam em teorias da conspiração e quais são as consequências dessas teorias para indivíduos, grupos e sociedades.

Como estudiosa da psicologia social, o que a trouxe para as teorias da conspiração como objecto de investigação em primeiro lugar?

Eu sempre me interessei pela psicologia das atitudes e a mudança de atitude. Também estudei como o comportamento das pessoas é influenciado pelas novas tecnologias da comunicação. Há alguns anos, encontrei algumas teorias da conspiração online enquanto procurava materiais de estudo sobre um outro tópico e fiquei intrigada com elas. Estava interessada em aprender mais sobre como são persuasivas e porque as pessoas são atraídas por essas ideias. O meu primeiro projecto neste tópico foi uma investigação sobre quantas pessoas são persuadidas por teorias da conspiração, e a minha pesquisa partiu daí.

Mencionou que as teorias da conspiração são parcialmente influenciadas pela necessidade epistémica

das pessoas em encontrar uma explicação que seja proporcional ao próprio evento. Acha que isso é atribuído à falta de educação e consciência de quão complexas e imperfeitas são as decisões humanas e o mundo?

Eu diria que a crença das pessoas nas teorias da conspiração é impulsionada por três necessidades psicológicas importantes (epistémica, existencial e social). Especificamente, as pessoas precisam de conhecimento e certeza (epistémica), para se sentirem seguras, protegidas e no controlo (existencial) e para se sentirem bem consigo mesmas e com os grupos a que pertencem (social). Quando essas necessidades importantes não são atingidas, as teorias da conspiração parecem ter algum apelo. Muito mais investigação ligou as crenças da conspiração às necessidades epistémicas em comparação com outras, e um dos principais preditores das crenças da

conspiração é, de facto, a educação. Especificamente, pessoas com mais educação tendem a acreditar menos nas teorias da conspiração. Isso aponta para a possibilidade de que a educação pode fornecer às pessoas capacidades valiosas, permitindo-lhes identificar teorias da conspiração quando as virem e assim rejeitá-las.

Também abordou a falta de confiança em especialistas levar as pessoas a acreditarem em teorias da conspiração. Acha que os ataques a especialistas e a contínua questão da desinformação criaram as circunstâncias para que as recentes teorias da conspiração prosperassem?

A confiança geralmente é um forte indicador da crença em teorias da conspiração. Se as pessoas não confiam nos especialistas, é mais provável que pensem que esses grupos estão a conspirar contra elas. Ao longo da pandemia, houve muitos comentários negativos sobre os especialistas e uma minimização ou rejeição total dos conselhos especializados. Isto confunde as pessoas e alimenta ainda mais a incerteza e a des-

confiança. Cria circunstâncias perfeitas para as teorias da conspiração.

Um dos seus estudos mostrou uma correlação entre pessoas que acreditam que o mundo é injusto e as crenças conspiratórias. Acha que a desigualdade também contribui para o pensamento conspiratório?

Alguns estudos demonstraram que pessoas com níveis de rendimentos mais baixos são mais propensas a crenças conspiratórias, e outros mostraram que pessoas de grupos étnicos minoritários também têm maior probabilidade de acreditar em teorias da conspiração. Isto sugere que algum nível de desvantagem pode prever uma tendência para acreditar em teorias da conspiração. No entanto, é precisa mais investigação para entender porque existem essas relações.

Existem narrativas dominantes no universo das teorias da conspiração?

A característica mais comum de uma teoria da conspiração é que algo está a ser encoberto. A maioria das teorias da conspiração pode ser reduzida a isso.

Essa característica comum é também uma razão pela qual as pessoas podem acreditar em várias teorias de conspiração diferentes sobre o mesmo evento ao mesmo tempo. Desde que todas elas sejam coerentes com a ideia geral de que algo não está certo, os detalhes exactos por si importam menos.

Algumas das teorias da conspiração têm um foco muito estranho, como o 5G. A ideia de os sistemas de tecnologias de informação e comunicação afectarem a saúde pública não é nova, mas com o 5G escalou para ataques a equipas e infra-estrutura. Pode falar sobre o que é específico nas teorias da conspiração relacionadas com o 5G?

Como mencionou, as ligações percebidas entre tecnologia e resultados negativos para a saúde não são novas. No entanto, a característica única das teorias da conspiração 5G/Covid-19 é que as pessoas parecem preparadas para agir de acordo com elas. Poucas pessoas acreditam nessa teoria da conspiração, mas aqueles que acreditam parecem preparados para cometer actos de violência com base nessas crenças. ■

“A maneira mais eficaz de combater a desinformação parece ser uma combinação de programas de literacia mediática e a verificação de factos”

Michael Hameleers

04



Michael Hameleers é professor assistente de Comunicação Política na Amsterdam School of Communication Research (ASCoR). Os seus interesses de investigação incluem populismo, enquadramento, polarização (afectiva) e desinformação. Recentemente, a maior parte da sua pesquisa está focada nos efeitos da desinformação e na eficácia da informação correctiva. Publicou um **estudo** relativo às percepções dos cidadãos sobre a desinformação da Covid-19 no Reino Unido, Holanda, Alemanha e EUA. Uma das suas descobertas foi que, embora as percepções da desinformação* possam levar as pessoas a procurarem mais informação, o conteúdo percebido como desinformação pode levar as pessoas a desligar e a recusarem-se a cumprir as directrizes. Segundo ele, a última tendência é mais pronunciada no Reino Unido, Holanda, Alemanha e EUA.

Como é que se explica isto? O que determina se as pessoas percebem um conteúdo como desinformação? Foi capaz de determinar quais foram as fontes mais prevalentes de desinformação (redes sociais, figuras políticas, imprensa, etc.)?

Esse foi realmente o caso. É difícil explicar os factores exactos das diferenças entre países. Os padrões são espelhados em todos os cenários nacionais, mas a distinção entre "misinformation" e "disinformation" e a sua relação com a conformidade foi mais forte no Reino Unido. No momento da recolha dos dados, a con-

fiança nos media era relativamente baixa no Reino Unido. Baixos níveis de confiança podem explicar a correspondência entre "disinformation" e baixa adesão - quanto menos as pessoas confiam nos media, menor é a probabilidade de seguirem as instruções comunicadas por veículos considerados não confiáveis. No entanto, não temos provas empíricas sólidas para apoiar isso neste momento. A distinção entre percepções de "misinformation" e "disinformation" é principalmente uma questão de confiança na honestidade e transparência da imprensa. Níveis mais altos de confiança nas intenções dos media em informar não

* O termo desinformação é normalmente usado neste texto para agregar "disinformation" (informação intencionalmente enganadora) e "misinformation", para informação errada ou imprecisa.

estão provavelmente associados a percepções de desinformação - que pressupõem a percepção de intenções para enganar. Nesse sentido, as percepções da desinformação ressoam com uma visão de mundo populista (que as elites dos media nos enganam deliberadamente). A "misinformation" corresponde mais à incerteza e à aceitação do desacordo numa situação de crise: erros "honestos" são facilmente cometidos num cenário de pouca informação.

Infelizmente, sabemos pouco sobre a exacta associação dos media às percepções de "misinformation" e "disinformation". Mas se olharmos para as nossas medidas de confiança, vemos que as pessoas tendem a ter muita confiança na Organização Mundial de Saúde (OMS), nas organizações nacionais de saúde e na media convencional - e notavelmente pouca confiança nos media sociais (por exemplo, Twitter e Facebook). Antes da crise, a confiança na media tradicional era muito menor. Portanto, as pessoas tendem a confiar na "velha" media num ambiente de incerteza e riscos elevados.

Pode partilhar mais informações sobre as semelhanças ou diferenças

que identificou em relação aos quatro países analisados?

Vemos muitas semelhanças: as percepções da desinformação levam a evitar mais as notícias em todos os ambientes - o que pode ter ramificações graves para a extensão em que as pessoas seguem as instruções e actualizam as suas crenças sobre o vírus à medida que a crise avança.

Na procura de informações, vemos algumas diferenças relevantes: nos EUA e no Reino Unido, as pessoas tendem a procurar mais informações se perceberem mais "misinformation" (o que significa que pensam que as informações são falsas sem serem intencionalmente enganadoras). Esta pode ser uma implicação democrática positiva: perceber que as informações não são precisas deve estimular a procura por informações adicionais. No entanto, nesses dois países, a desinformação resultou significativamente em menor procura de informações. Esses resultados sugerem que os hábitos de media (aproximação e afastamento) são mais polarizados nos EUA e no Reino Unido em comparação com a Holanda e a Alemanha.

Acha que a politização do coronavírus, que é bastante pronunciada nos EUA, por exemplo, incentiva as pessoas a interpretarem a "misinformation" como "disinformation" na tentativa de ver uma motivação por trás de um enquadramento específico?

Definitivamente - as associações que as pessoas fazem não são necessariamente precisas, mas também reflectem um enviesamento de confirmação: acreditar que as elites (e a media "convencional") estão a mentir às pessoas pode levar estas a atribuir o rótulo de "disinformation" a informações precisas ou involuntariamente imprecisas. Da mesma forma, as informações provenientes de partes opostas têm maior probabilidade de serem vistas como intencionalmente enganadoras - correspondendo a um enviesamento hostil aos media. As clivagens políticas também podem influenciar a extensão em que as pessoas vêem a informação do outro lado como intencionalmente enganadora ou fabricada.

É mais importante agora do que nunca investir em programas de literacia mediática para que as pes-

soas se possam informar sobre o vírus e as medidas adequadas para se protegerem?

Sim, é muito importante que as pessoas possam reconhecer informações falsas e, particularmente, fazer a distinção entre erros "honestos" que existem por causa da falta de informação e desinformação que pretende enganá-las. O que é importante aqui é garantir que esses programas alcancem as pessoas apesar das divisões partidárias ou ideológicas. É provável que algumas pessoas evitem informações que desafiam as suas percepções existentes e lhes peçam para mudar os seus comportamentos. Assim, as aplicações práticas devem certificar-se de usar um formato que supere a resistência de partidários fortes e abordar as pessoas de uma forma que não pareça um ataque.

Também publicou um artigo sobre a eficácia dos programas de literacia mediática e da verificação de factos para combater a desinformação nos EUA e na Holanda. Quais foram algumas das principais descobertas? Há alguma lição que possamos aplicar à infodemia da Covid-19?

Os verificadores de factos e as intervenções de literacia mediática podem corrigir equívocos factuais - e a sua combinação funciona melhor. Por outras palavras, a forma mais eficaz de combater a "misinformation" ou a "disinformation" parece ser uma combinação de programas de literacia para os media e a verificação de factos. É importante realçar que os verificadores de factos são mais eficazes em termos de efeitos directos, mas as mensagens da literacia mediática podem ser mais eficazes, pois oferecem aos cidadãos capacidades essenciais para reconhecer a desinformação por eles próprios, evitando consequências negativas em vez de oferecer uma correção posterior ("post-hoc"). Aplicadas à pandemia, considerando também o facto de que há muita informação falsa a chegar aos cidadãos através de muitas plataformas de media digital, as intervenções de literacia mediática são importantes. Na prática, os governos podem divulgar directrizes oficiais sobre como as pessoas podem distinguir a "misinformation" e a "disinformation", oferecendo também recomendações práticas sobre onde se podem encontrar informações fiáveis. Como a confiança nas fontes oficiais é elevada durante a crise,

podemos também lucrar com isso para atingir o público com recomendações. ■

**A investigação
sobre a
desinformação
na pandemia da
Covid-19**

Zarine Kharazian

05



Zarine Kharazian é editora assistente do Digital Forensic Research Lab (DFRLab), uma start-up do Atlantic Council que se concentra em investigar e combater a desinformação e proteger as instituições democráticas e as normas daqueles que procuram miná-las no espaço da participação activa digital. No DFRLab, ela analisou tendências de desinformação nos Estados Unidos e também no Sul do Cáucaso, com um foco particular nos actores e operações que desafiam as fronteiras deficionais existentes e desenvolvimento de novas técnicas de investigação para as explicar. [Esta entrevista foi realizada em Julho de 2020.]

Pode falar um pouco sobre o seu trabalho actual com a desinformação da Covid-19? Que aspectos do problema está o DFRLab a investigar?

O DFRLab estuda principalmente os aspectos informacionais da pandemia - particularmente "misinformation", "disinformation" e informações incompletas sobre elas. Após vários meses, já vimos alguma da primeira investigação empírica a avaliar a relação entre o consumo de desinformação e os resultados na saúde pública nos estágios iniciais do surto. Este crescente corpo de trabalho sugere cada vez mais que a qualidade das informações que consumimos molda as nossas crenças - e essas crenças, por sua

vez, podem significar a diferença entre a vida ou a morte.

Outra característica definidora das conversas online que estudámos relacionadas com a desinformação da Covid-19 é que elas são multipolares - não há um único actor a dominar a discussão, mas sim várias comunidades que promovem aspectos das conspirações relacionadas com a Covid-19 por vários motivos. Alguns são motivados ideologicamente (actores estatais, QAnon, "antivaxxers", etc.); outros são motivados pelo lucro (promoção de um "e-book", podcast ou negócios das chamadas "cura natural"). Uma parte parece ser uma combinação de ambos. A diversidade de actores, fontes e motivações é o que torna a

desinformação sobre a Covid-19 tão difícil de erradicar.

Como vê a desinformação da Covid-19 nas eleições nos EUA? Acha que as medidas tomadas pelas plataformas de tecnologia podem ser eficazes na protecção da integridade eleitoral?

A desinformação relacionada com as eleições divide-se frequentemente em dois tipos - desinformação sobre as questões e os candidatos e desinformação sobre o processo eleitoral. Em plena pandemia, esta última forma de desinformação representa um risco elevado para a integridade eleitoral. Informações falsas sobre procedimentos revistos de votação devido à pandemia, como votos por correio, por exemplo, podem desencorajar as pessoas a votar. Quando dirigido a grupos específicos de pessoas, esse tipo de desinformação pode equivaler à supressão do eleitor.

As plataformas têm sido mais rígidas geralmente no que diz respeito à desinformação relacionada com o processo eleitoral do que com a desinformação sobre as questões políticas - e também

são mais rígidas com a desinformação do coronavírus. Os passos que deram para combater a desinformação - empregando um espectro de respostas possíveis, desde diminuir [a visibilidade do] conteúdo até o remover completamente, bem como introduzir atrito na experiência do utilizador, solicitando-lhes que leiam um artigo antes de o retuitar [no Twitter] - são bem-vindos. Mas essas medidas terão um efeito limitado sem uma resposta de amplo espectro que também inclua o governo e a sociedade civil.

Num artigo que publicou, mencionou que membros da comunidade QAnon promoveram fortemente o vídeo "Plandemic". Como é que o QAnon se tornou tão grande e qual é a sua ligação específica com a desinformação da Covid-19? Esses grupos estão a coordenar a amplificação?

O QAnon é um movimento marginal que descreve realmente uma vasta teia de teorias de conspiração ligadas e infundadas, que vão desde a existência de um governo paralelo mundial a anéis de pedofilia de celebridades envolvendo

elites políticas e culturais. Os seus adeptos acreditam que alguém que usa o nome "Q", muitas vezes considerado um membro de topo da administração Trump, está a publicar anonimamente mensagens criptografadas, chamadas "Q Drops", em fóruns online alertando-os para a existência de uma conspiração em andamento por uma elite política e cultural mundial para exercer controlo sobre governos e instituições. Segundo essa teoria, Trump está a lutar contra essas forças nefastas, e o chamado "estado profundo" ("deep state") está a trabalhar em paralelo para o frustrar.

O que começou como um movimento marginal em obscuros painéis de fotografias na Internet foi catapultado para o "mainstream" por influenciadores e políticos de extrema-direita, incluindo o próprio presidente dos Estados Unidos. Trump tem ampliado regularmente contas de QAnon e conspirações no Twitter, e um recente cálculo da [Media Matters](#) contou 60 candidatos ou ex-congressistas dos EUA que parecem ter abraçado a teoria. [Uma contagem no início de Agosto contabilizou 97 candidatos.]

Uma das razões para o apelo generalizado

e duradouro do QAnon é ser um sistema abrangente e versátil de crenças que pode integrar rapidamente conspirações adicionais sem comprometer a visão do seu mundo subjacente. Isso foi o que o QAnon fez com a desinformação da Covid-19. As teorias da conspiração Covid-19 sobre encobrimentos do governo, conspirações sobre a vacinação global ou alegações de que o vírus é "uma farsa" propagada por "elites obscuras" já ressoam dentro do sistema de crenças QAnon e não exigem muito trabalho adicional - seja psicologicamente ou organizacionalmente - para serem integradas nele.

A sua investigação sobre actividades relacionadas com o "Plandemic" no Facebook mostrou uma rápida partilha de links entre grupos. O que significa isso?

A partilha rápida de links relacionadas com o "Plandemic" realça dois pontos: primeiro, que conspirações como esse vídeo se espalham por certas comunidades online a uma taxa alarmantemente elevada, às vezes mais rapidamente do que as plataformas as podem suprimir; e, em segundo, que muita dessa propagação é multiplataforma e interactiva.

Ao estudar a propagação do "Plandemic", vimos que os principais URLs [endereços da Web] partilhados rapidamente para grupos do Facebook eram links para o vídeo hospedado no YouTube. Quando o YouTube começou a tirar cópias do vídeo e, por vezes, em antecipação a essas remoções, as pessoas enviaram os vídeos para plataformas alternativas que têm uma reputação de padrões de moderação de conteúdo frouxos. Links para cópias do vídeo hospedado nessas plataformas alternativas foram, por sua vez, partilhados com os mesmos grupos do Facebook - e assim a cadeia de propagação do "Plandemic" nunca foi interrompida, mesmo após o YouTube começar a retirar cópias do vídeo. A natureza do cruzamento entre plataformas nesta actividade torna a eficácia da moderação de conteúdo por uma única plataforma limitada - conteúdo prejudicial geralmente encontra refúgios online de nicho para si mesmo, desde que haja procura para ele.

Também falou sobre plataformas alternativas tecnológicas ("alt-tech"). Pode explicar o que são e porque - ou mesmo se - devemos preocupar-nos com elas?

As plataformas "alt-tech" são plataformas de media social que se apresentam como alternativas às principais plataformas como o Facebook, YouTube e Twitter. Elas têm normalmente uma filosofia "livre de censura", anunciando o facto de terem padrões de moderação de conteúdo mais ligeiros do que a concorrência mais popular. Devido a esses fracos padrões, servem geralmente como portos seguros para comunidades online de extrema-direita e extremistas que foram desactivadas por serviços de alojamento online ("hosts") convencionais.

Um dos argumentos a favor da des-plataforma de conteúdo prejudicial e dos seus produtores é que, mesmo que o conteúdo mude para um "host" alternativo, ele perde uma audiência significativa no processo. O raciocínio é que apenas os crentes mais ferrenhos de conspirações irão seguir um teórico da conspiração de uma plataforma popular, como o YouTube, para uma relativamente obscura, como o BitChute. Há alguma lógica nisso, mas o perigo dessas plataformas "alt-tech" reside no facto de que o conteúdo que hospedam quase nunca fica confinado a elas - os links para o conteúdo nocivo costumam regressar às comu-

nidades em plataformas mais populares, atraindo mais consumidores casuais a conteúdos cada vez mais extremistas.

Também revelou que contas do Facebook foram “hackadas” por uma potência rival estrangeira para espalhar desinformação sobre a Covid-19. Como é que a desinformação sobre o coronavírus pode ser transformada numa arma no contexto das relações internacionais?

Vemos geralmente dois tipos de desinformação estrangeira: influência encoberta que funciona para exacerbar as vulnerabilidades existentes nas sociedades; e influência aberta e oportunista que tenta promover uma agenda geopolítica particular. No contexto do coronavírus, vimos mais da última do que da primeira.

A Rússia e a China empenharam-se na “diplomacia mascarada”, destacando os seus fornecimentos de equipamentos médicos e ajuda aos países que lutam contra o coronavírus e comparando essas respostas com as dos governos ocidentais, vários dos quais estão a lutar para conter os seus próprios surtos. Esses

esforços tendem muitas vezes a basear-se principalmente em contas oficiais diplomáticas e governamentais, não em contas encobertas ou falsas - e nem sempre são qualificados como desinformação, porque nem sempre empregam falsidade intencional. Mas ainda assim constituem um esforço para influenciar corações e mentes no exterior a favor de ambos os governos - nesse sentido, são operações de informação.

Também vimos desinformação patrocinada pelo Estado em potências estrangeiras e seus representantes - na maioria dos casos, isso foi motivado por competição geopolítica e objectivos regionais. Os meios pró-Kremlin, por exemplo, têm [alegações](#) a culpar laboratórios biológicos financiados pelos EUA na Arménia, Geórgia e Cazaquistão pelo surto de coronavírus, enquanto o Kremlin continua a pressionar para que especialistas russos tenham acesso a alguns desses laboratórios. Esta é uma narrativa recorrente - como muitas narrativas de desinformação - que reaparece de vez em quando e é remodelada para reflectir as principais ameaças à saúde pública em desenvolvimento - na maior parte do mundo, isso agora é com o coronavírus. ■

A persistência da desinformação e a disseminação das “fake news”

Stephan Lewandowsky

06



Stephan Lewandowsky, cientista cognitivo com interesse em modelação computacional, interessou-se em como as pessoas actualizam as suas memórias se as coisas em que acreditam se revelam falsas. Isso levou-o a examinar a persistência da desinformação e a disseminação de “fake news” na sociedade. Ficou particularmente interessado nas variáveis que determinam se as pessoas aceitam ou não as provas científicas, por exemplo, relativamente à vacinação ou às alterações climáticas.

No seu "The Conspiracy Theory Handbook" sugere que a ideologia política motiva certas pessoas a procurarem teorias da conspiração. Pode falar um pouco sobre isso e também se a motivação para a criação de teorias da conspiração é, em primeiro lugar, política?

Pode ser, mas não necessariamente. Pode-se ver, por exemplo, o caso da Princesa Diana, que morreu num acidente de carro. Isso não foi um evento político, mas ainda assim estimulou muitas teorias da conspiração. Portanto, podem-se ter teorias da conspiração praticamente de qualquer evento em que as pessoas sintam uma perda de controlo, estejam assustadas e procurem conforto psicológico numa teoria da conspiração. Alguns acham muito mais

fácil acreditar em conspirações malignas do que aceitar a aleatoriedade. Dito isto, às vezes a motivação é política e, nesses casos, geralmente serve o propósito de escapar da responsabilidade ou contornar uma prova inconveniente.

Considerando o facto de ter uma longa experiência com negacionistas das alterações climáticas, que lições acha que se podem aprender com essas teorias da conspiração?

Eu acho que é importante entender que a negação da ciência em geral tende a ser acompanhada por teorias da conspiração. Não é apenas a mudança climática, é também o movimento antivacinação e agora, com a Covid-19, há pessoas que se estão a envolver nalgumas teorias da conspiração

bastante exóticas. Isso acontece sempre que as implicações de uma descoberta científica são desafiantes para as pessoas. A razão pela qual os negacionistas climáticos acreditam em conspirações é porque se a ciência estivesse certa, isso impactaria na sua identidade ou no seu bem-estar, pelo que estão preocupados em ter que perder privilégios de que desfrutam. Quando alguém se encontra nessa situação, é muito tentador invocar uma teoria da conspiração. O mesmo vale para a Covid-19. Se o coronavírus for uma farsa, é claro que não precisam de se isolar.

Acha que somos mais vulneráveis no contexto actual, quando algumas figuras políticas estão a minar a confiança do público nos cientistas?

Certamente não ajuda. E acho que está certo, quanto mais a cultura de um país tolera a rejeição do conhecimento e da evidência, mais fácil é as teorias da conspiração se afirmarem, não há dúvida sobre isso. E podemos ver isso nos dados. Há uma correlação muito forte nos países europeus entre o número de

pessoas que votam em partidos populistas e o número de pessoas que são cépticas em relação às vacinas. Os países que têm um grande voto populista têm mais problemas com os "antivaxxers". E é claro que o populismo, por definição, não está interessado em provas mas em emoção e em estabelecer essa falsa dicotomia entre o chamado "povo" e "as elites". Claro, isso não envolve provas, é apenas emoção e desenvolvido à procura do poder.

A sua formação é em psicologia e mencionou que os teóricos da conspiração são imunes às evidências. O que acha que os faz ver a realidade de uma forma tão dogmática?

Acho que é importante entender que existe todo um espectro de pessoas que acreditam em teorias da conspiração em variados graus. Existem pessoas que fazem afirmações conspiratórias casuais e são muito diferentes das pessoas que passam a vida inteira na Internet a debater o que pensam ser uma conspiração real. Os crentes casuais tendem a ser imunes às provas, mas é muito mais difícil quando se trata de

peças comprometidas com as teorias da conspiração porque, para essas, elas tornaram-se parte da sua identidade.

Lembro-me de assistir a um vídeo de uma mulher americana a diminuir uma comemoração do movimento Black Lives Matter cheia de raiva e dizendo ser tudo uma conspiração de [George] Soros, e fiquei a pensar de onde vinha essa raiva...

Bem, o ponto principal nalgumas teorias da conspiração é simplesmente conceber um recipiente retórico para preconceito ou opinião subjacentes. Certas pessoas racistas, por exemplo, concebem qualquer forma que seja necessária para ter uma razão plausível para expressarem o seu racismo.

Em termos de teorias da conspiração relacionadas com a Covid-19, acha que a media social exacerbou o problema?

Existem duas coisas a acontecer. A primeira é que as pandemias sempre criaram teorias da conspiração. Há 300 anos, a praga deu origem ao

anti-semitismo e a todos os tipos de outras conspirações, e isso é por ser assustador, as pessoas têm uma sensação de perda de controlo e, sempre que isso acontece, recorrem às teorias da conspiração. O facto de termos muitas teorias da conspiração sobre a pandemia não me surpreende, é o que se podia esperar.

No entanto, se regressasse a seis meses antes do aparecimento do coronavírus, eu diria que sim, que está certo, há muita teorização da conspiração agora que é apoiada pelas redes sociais, e uma das razões pelas quais isso acontece ou porque é tão difícil de lidar é o facto de que as pessoas tendem a crer em coisas que também são acreditadas por aqueles em seu redor. Por exemplo, se acredita que a Terra é plana e todos ao meu redor acreditam que a Terra é plana, eu também acredito. Se sou a única pessoa na minha aldeia que acredita que a Terra é plana, então provavelmente tendo a acreditar que sou o idiota da aldeia. E era assim que as coisas funcionavam antes da media social - olhava-se em redor e era-se avaliado pelo que as outras pessoas pensavam. É claro que às vezes há divergências, mas

em geral as pessoas tendem a não se extremar totalmente por conta própria.

Com a media social, o problema é que, assim que entra na Internet, qualquer crença, por mais absurda que seja, será apoiada online por alguém. No momento em que têm essa experiência comunitária, as pessoas tendem a manter essa crença porque têm a ilusão de que muitos mais a estão a partilhar. Essa ligação que a media social oferece é muito diferente daquela a que estávamos acostumados. De repente, temos esta capacidade de nos conectar com outras pessoas que estão tão distantes e em número reduzido, mas temos uma sensação de poder ("empowerment") ao integrar essa comunidade. ■

“As pessoas que procuram conteúdos de porcaria, porque os acham divertidos ou porque são simplesmente curiosas, vão sempre encontrá-los”

Nahema Marchal

07



Nahema Marchal é doutorada no Oxford Internet Institute (OII) da University of Oxford e investigadora do Computational Propaganda Project. A sua investigação examina a relação entre media social e polarização e a manipulação de plataformas digitais no contexto de campanhas de desinformação ("misinformation" e "disinformation"). Ela é também uma voz experiente nos media e fornece regularmente "insights" para títulos como o New York Times, o Politico, o Financial Times e a BBC.

Pode falar da investigação sobre a desinformação da Covid-19 que tem conduzido no OII? O instituto está a efectuar alguma pesquisa longitudinal neste contexto?

Desde o início do surto da Covid-19, a nossa equipa de investigadores do OII tem liderado um esforço multifacetado para mapear a disseminação de informações do coronavírus em várias plataformas. Como parte desse esforço, publicamos "[briefings](#)" [semanais](#) sobre tendências de notícias em tempo real e conduzimos vários estudos focados nos dados: um analisando os [conteúdos de vídeo](#) do YouTube e outros focados na [cobertura da crise](#) pelos meios de comunicação estatais. Agora [Julho de 2020], estamos a finalizar o terceiro dessa série: um memorando sobre a visibilidade e a desco-

berta de sites de saúde inúteis nas pesquisas.

Porque escolheu focar-se no YouTube para esse memorando de dados? Pode falar um pouco sobre isso? Além disso, mencionou que uma das restrições dessa pesquisa foi a questão da personalização. Considera que o aumento da personalização prejudicará a pesquisa de media online eficaz no futuro?

O YouTube é um actor importante no ecossistema de informação online - e, nos últimos anos, também se tornou uma importante fonte de informação sobre saúde, ciência e tecnologia, especialmente para os jovens. O adulto médio do Reino Unido, por exemplo, passa pelo menos 30 minutos a ver

vídeos no YouTube todos os dias. Tendo isso em mente, decidimos investigar que tipo e qualidade de informação os utilizadores provavelmente encontrariam ao fazer pesquisas simples de informação sobre o vírus.

Especificamente, analisámos os resultados de vídeo de cerca de quatro consultas de pesquisas populares no Reino Unido por volta do início de Março [de 2020] - imediatamente antes das medidas de confinamento serem aplicadas em todo o país.

Desenvolvemos um processo de classificação rigoroso e em várias etapas, quase como um sistema de “semáforos”, focado no tipo de canal que partilhava vídeos e no quão politizada, confessional e factualmente precisa era a informação que transmitia.

Houve uma série de descobertas impressionantes. Em primeiro lugar, ficámos tranquilos ao descobrir que a maior parte dos principais resultados de vídeo vinha de canais de notícias profissionais, que na maioria dos casos partilhavam relatórios factuais e recomendações oficiais da Organização Mundial da

Saúde (OMS) ou de outras autoridades de saúde. Ficámos surpresos ao descobrir, no entanto, que nenhuma dessas informações vinha directamente das próprias agências de saúde - apesar de elas estarem presentes no site.

Tranquilizador foi que poucos dos principais vídeos devolvidos pelas nossas consultas continham informações de saúde enganosas ou inúteis. No entanto, é muito mais provável que este conteúdo incentive o envolvimento na forma de comentários por aqueles que optam por o visualizar.

Também encontramos um bom número de vídeos politizados, alguns deles programas de comédia e outras investigações independentes com alegados “encobrimentos” sobre a magnitude e letalidade da epidemia da Covid-19. Muitos vídeos também se empenharam criticamente com a política do governo chinês no comércio da vida selvagem e sensacionalizaram as origens do vírus.

Também mencionou que a natureza proprietária da pesquisa e do algoritmo de recomendação do YouTube é uma restrição à sua pesquisa.

Não é a escolha algorítmica que o YouTube entrega, alimentando-se do comportamento anterior (algo menos pronunciado no modo anónimo), o principal problema com a desinformação? Acha que os decisores políticos precisam de ter acesso a isso eventualmente, para que os investigadores possam informar o seu trabalho?

Não é tanto uma restrição quanto uma limitação. A personalização está embutida na própria criação das nossas experiências online, e não há muito que os investigadores possam fazer para a explicar - ou neutralizar.

Muita investigação foi feita sobre os sistemas de recomendação do YouTube nos últimos anos, incluindo várias auditorias algorítmicas. A realidade, no entanto, é que esses sistemas são extremamente difíceis de estudar (devido à sua natureza proprietária e constantes mudanças) e não temos um controlo bom o suficiente sobre como funcionam num determinado momento. Porém, de maneira crucial, embora seja verdade que os algoritmos de recomendação se baseiam, pelo menos em parte, nas pre-

ferências e comportamentos anteriores dos utilizadores para lhes colocar conteúdos à frente dos olhos, esse está longe de ser o único caminho para o conteúdo enganoso ou radicalizado.

O YouTube é tanto uma comunidade quanto um portal de informação. O que isso significa é que os espectadores costumam seguir criadores de quem gostam e confiam - de comentadores políticos a líderes religiosos e auto-declarados especialistas em saúde - com pouca atenção à neutralidade ou exactidão factual do seu conteúdo. Na verdade, como mostraram os dois estudiosos dos media, Rebecca Lewis e Alice Marwick, é exactamente o oposto. Na maioria das vezes, um utilizador pode seguir um influenciador específico precisamente porque se posiciona como um pária ou um reaccionário, ou porque partilham notícias não convencionais. E é muito fácil enviar mensagens enganosamente subversivas, sem partilhar mentiras completas, para audiências dedicadas que aceitam isso pelo que vale.

Por outras palavras, as pessoas que procuram conteúdos de porcaria, porque os acham divertidos ou porque são sim-

plesmente curiosas, vão sempre encontrá-los, desde que saibam como os procurar. O problema é que o conteúdo está lá em primeiro lugar.

A que atribui a presença limitada de conteúdos por órgãos de saúde pública como o SNS ou a OMS que mencionou?

É difícil atribuir isso a uma causa específica. O destaque com que os vídeos do YouTube aparecem no site depende de uma série de coisas - quantas pessoas se envolvem com eles e vídeos semelhantes, se os proprietários do canal os promovem, como usam as palavras-chave - e uma, ou qualquer combinação desses factores, pode ter culpa. Mas, de forma mais ampla, na era dos influenciadores famosos e do conteúdo otimizado para motores de busca, onde as pessoas procuram conteúdo informativo e divertido, é possível que as instituições tradicionais estejam simplesmente a promover conteúdo muito matizado ou não atraente o suficiente para que os espectadores se envolvam.

Também investigou as contas de media social de meios de comunica-

ção apoiados pelos estados da China, Rússia, Turquia e Irão, mencionando que alguns têm redes de distribuição que podem alcançar centenas de milhões de pessoas. Ao mesmo tempo, identificou um esforço para retratar as democracias ocidentais como incompetentes a lidar com o coronavírus. Pode falar um pouco sobre essas descobertas?

Para este memorando, a nossa equipa examinou como os meios noticiosos apoiados pelos governos da China, Irão, Rússia e Turquia cobriram a crise da Covid-19 durante um período de duas semanas - tanto sobre o que eles estavam a escrever como quanto ao tamanho do seu público nas redes sociais.

Descobrimos que, embora esses meios não sejam tão prolíficos quanto outros nomes conhecidos, têm uma audiência global substancial, enviando conteúdo para leitores franceses, alemães e espanhóis, por exemplo. E eles podem atingir até dez vezes um nível de interacção efectiva ("engagement") nos artigos que publicam.

O que é interessante sobre esses meios de comunicação é que eles nem sempre promovem desinformação total. A maior parte do conteúdo que produzem é factual, mas distorcem a realidade política de uma forma que se ajusta à sua agenda, promovendo subtilmente a ideia de um declínio das democracias ocidentais, por exemplo, ou exacerbando tensões e antagonismos sociais já presentes.

As plataformas de tecnologia tomaram uma série de medidas para lidar com a Covid-19 e mencionou, por exemplo, a decisão do YouTube de desmonetizar e depois remunerar novamente o conteúdo relacionado com o coronavírus. O que acha das políticas das plataformas tecnológicas em termos de velocidade, consistência, eficácia e transparência?

Os esforços combinados das plataformas digitais para lidar com a desinformação sobre o coronavírus e a velocidade com que reagiram são certamente louváveis. No mínimo, mostra que, com bastante urgência, vontade e preocupação com a segurança pública, elas podem dinamizar as suas políticas muito rapidamente

para abordar lacunas que podem prejudicar o público.

Uma das desvantagens dessas soluções rápidas e regras "ad hoc", no entanto, tem a ver com transparência e eficácia. Primeiro, precisamos de entender as ramificações potenciais e consequências não intencionais de qualquer alteração de política antes de a implementar, especialmente quando afectam milhões de utilizadores. Além disso, é importante implementar mecanismos de transparência e de prestação de contas para avaliar a eficácia dessas mudanças na redução do problema. Há também uma outra questão: com que consistência essas políticas estão a ser aplicadas, entre plataformas e geografias? ■

**O vácuo da
informação tende
a ser preenchido
pelo rumor**

Rasmus Kleis Nielsen

08



Rasmus Kleis Nielsen é director do Reuters Institute for the Study of Journalism (RISJ) e professor de comunicação política na University of Oxford. Antes, foi director de investigação do Reuters Institute e Editor-in-Chief do **International Journal of Press/Politics**. O seu trabalho foca-se nas mudanças nos meios de comunicação, na comunicação política e no papel das tecnologias digitais em ambos. Ele fez uma extensa investigação sobre jornalismo, política americana e várias formas de activismo, e uma quantidade significativa de trabalho comparativo na Europa Ocidental e noutros locais.

Pode falar um pouco sobre os projectos relacionados com a Covid-19 que está a gerir no RISJ em Oxford?

Temos três tipos diferentes de trabalho que fazemos em torno da Covid-19. Um é um projecto a decorrer chamado de desinformação, ciência e media, no qual examinamos como a ciência é retratada tanto pela media social quanto pela media noticiosa. Nesse contexto, temos examinado especificamente os tipos, fontes e alegações de desinformação em torno da Covid-19. Temos então um longo histórico de análises comparativas internacionais sobre como as pessoas usam e o que pensam sobre os media noticiosos. Desenvolvemos essa abordagem para estudar como as pessoas nave-

gam na infodemia em diferentes países. Finalmente, iniciámos o **projecto de notícias e informações Covid-19** do Reino Unido, que analisa uma amostra representativa do público do Reino Unido para ver como a sua percepção e formas de navegar na crise mudam ao longo do tempo.

Algo a que aludiu num dos seus relatórios é o facto de que a ambiguidade empregada pelo poder público criou uma lacuna de informação muitas vezes preenchida pela desinformação. Acha que a desinformação não teria o impacto que teve se as declarações e directrizes das autoridades públicas fossem mais claras?

Uma das razões pelas quais algumas pessoas acabam por se envolver com a desinformação é que procuram informação, não encontram fontes credíveis e fiáveis e acabam por confiar em coisas em que provavelmente não deveriam confiar. Uma descoberta clássica da pesquisa de media e comunicação é que, essencialmente, o boato é uma forma de notícia improvisada. Portanto, quando existe um vácuo de informação, ele tende a ser preenchido pela improvisação. Alguns deles serão maliciosos, mas muitos deles serão francamente de boa fé ou apenas ambíguos.

Em termos da clareza da comunicação governamental e da forma como isso é veiculado pelos media, a verdade é que acho que temos de estar preparados para uma longa crise. A maioria das sociedades provavelmente passará por diferentes fases e diferentes políticas. Algumas dessas políticas e medidas podem ser bastante complicadas, com muitas zonas cinzentas diferentes, como já se viu no Reino Unido. Houve alguns no topo do governo do Reino Unido, por exemplo, que parecem ter algumas opiniões muito idiossincráticas sobre quais eram as directrizes do governo quando

elas eram muito claras - eu pensei nisso tanto quanto um cidadão. Quando as directrizes do governo se tornarem mais ambíguas por se tornarem mais complexas, a situação ficará muito mais complicada e prevejo muitos desafios de comunicação em torno disso.

Uma descoberta importante das vossas fichas técnicas foi que mais pessoas declararam evitar notícias vindas da media de massa (TV, sites de notícias) do que da media social. Acha isso preocupante?

Eu acho que é uma descoberta muito importante e, como disse, bastante preocupante em certos aspectos. A forma como eu interpretaria isso é um lembrete de que usar notícias é um acto profundamente social moldado pela situação em que as notícias são usadas. O acto de ligar uma televisão raramente é um acto individual, é algo que se costuma fazer na companhia de outras pessoas. Numa situação em que tanto você individualmente ou na companhia de outras pessoas pode estar farto do que pode perceber como notícias implacáveis que raramente fornecem algo que possa escolher do seu ponto de vista como cidadão,

pode acabar a ver a Netflix em vez das notícias. A media social é muito diferente. É uma experiência de plataforma, mas o consumo é amplamente individual. Notícias que muitas vezes são uma parte muito pequena de uma experiência muito mais ampla e diversificada e o acto de verificar um "feed" social são muitas vezes actos de ligação, embora efémeros, com pessoas de quem gosta. As notícias são parte de um pacote, e não algo que deliberada e directamente se procura. E, nesse sentido, vemos uma exposição incidental considerável às notícias como parte da experiência da media social.

Noutro estudo focado nos EUA, Argentina, Reino Unido, Coreia do Sul, Alemanha e Espanha, descobriu que uma em três pessoas achava que as notícias tinham exagerado a pandemia. Como explica isso?

Há duas interpretações principais. Uma é que em situações em que pensamos sobre o mundo além da nossa experiência pessoal, a maioria de nós confia - pelo menos em parte - em líderes de opinião e indivíduos proeminentes que interpre-

tam o mundo em nosso nome, por assim dizer. Acho que vale a pena lembrar que, em muitos países, há muitos políticos proeminentes que há muito argumentam que a crise é muito menos severa do que especialistas médicos, incluindo a OMS e outros, descobriram que era. Nesses países em particular, não é realmente surpreendente se uma grande parte do público, por mais que tenha perdido a confiança nesses políticos, sinta que a media de notícias exagerou a pandemia. Essencialmente, um lado dessa questão diz respeito às elites. Enquanto houver desacordo da elite sobre a gravidade da pandemia, devemos também esperar que haja desacordo público.

O outro aspecto da questão que vale a pena lembrar é o facto de que, com certas variações de país para país, a pandemia desenvolveu-se durante muito tempo, antes que a maioria das pessoas tivesse qualquer experiência pessoal dela. Acho que devemos ter empatia com o que considero ser o facto de que não é uma posição insana questionar se uma doença invisível é tão séria quanto sugerem as notícias. Acho que devemos entender como a situação pode ser con-

fusa para um cidadão individual se um político que se respeita diz que esse vírus não é sério e depois se lê o contrário nas notícias.

Tendo em conta que alguns actores políticos têm criticado o papel dos especialistas nos últimos anos, acha que sairemos desta crise infodémica com mais respeito pelo conhecimento real?

Acredito que terá a ver pelo menos tanto com a política quanto com a desinformação. Quando fizemos o inquérito para navegar pela infodemia no início de Abril [de 2020], ainda havia em todos os países uma confiança muito ampla e quase universal em cientistas e especialistas. Eu suspeitaria que, se fizéssemos uma análise semelhante agora, haveria diferenças políticas muito mais profundas em países onde políticos proeminentes atacaram directamente a credibilidade e a experiência de cientistas e autoridades de saúde, enquanto noutros países onde os políticos podem ser relativamente unidos a seu respeito e apreciação pela contribuição das autoridades científicas e de saúde, eu esperaria uma situação muito diferente. Acho que a desinforma-

ção provavelmente desempenha um papel nisso, mas a minha previsão é que importará muito mais o que as autoridades eleitas estão a dizer sobre os cientistas do que o que os teóricos da conspiração online fazem. ■

Infodemia e como a desinformação se espalha nas diferentes redes sociais

Walter Quattrociochi

09



Walter Quattrociochi, professor associado da Sapienza University of Rome, publicou um estudo chamado "**The Covid-19 social media infodemic**". Ao analisar grandes quantidades de dados no Twitter, Instagram, YouTube, Reddit e Gab, Quattrociochi e a sua equipa avaliaram a evolução global do discurso para cada plataforma e seus utilizadores. Para ele, entender a dinâmica social por trás da media social é essencial para enfrentar os desafios globais do futuro.

Qual é o contexto por trás do seu estudo?

Em 2014 nasceu um ramo de investigação que se dedicava ao estudo da disseminação da informação, em particular da informação falsa. Um ano antes, durante o Fórum Económico Mundial, esse tema já tinha surgido como um dos problemas mais críticos para a sociedade contemporânea. Até então, o tema era abordado por analogia com modelos epidemiológicos. Isso baseou-se na ideia de que a informação se espalha entre as pessoas da mesma forma que um vírus.

Os modelos epidemiológicos aplicados a este campo foram significativamente limitados pela sua completa falta de provas empíricas. Tudo mudou quando

os dados das redes sociais foram disponibilizados. Em 2016, novas fontes de dados permitiram-nos publicar um [estudo](#) que alterou as definições dos modelos utilizados para estudar a disseminação da informação.

Identificámos um dos motivos fundamentais que tornavam os modelos epidemiológicos normalizados inadequados para o mapeamento dos processos de disseminação da informação: a escolha individual. A propagação de um vírus ocorre independentemente da vontade das pessoas. A difusão da informação, no entanto, acontece por escolha. Nós escolhemos a informação. Não escolhemos uma infecção viral. Esse resultado fez-nos reconsiderar as premissas matemáticas para estudar estes processos.

Os meus colegas e eu produzimos uma produção científica consistente com base nessa suposição. Motivados por este novo conhecimento, queríamos verificar se algumas das teorias sobre a dinâmica da informação eram bem fundamentadas. Em particular, o nosso objectivo era avaliar se é verdade **que as notícias falsas viajam mais rápido do que as outras notícias**.

A pandemia actual é a "tempestade perfeita" para espalhar informações falsas porque é um tópico novo, ambíguo e pouco conhecido. Tentamos entender como a dinâmica da informação relacionada com a Covid-19 se está a desenvolver em cinco plataformas sociais diferentes. Este tipo de análise comparativa de cinco redes sociais diferentes durante um evento crítico não tem precedentes.

A que conclusões chegaram?

Não apenas estimámos o processo de difusão usando modelos que implicam mecanismos de crescimento específicos, mas também usando modelos fenomenológicos que enfatizam a reprodutibilidade dos dados empíricos. Os nossos resultados mostram que esses modelos

realmente não capturam o chamado processo de câmara de eco ["echo chamber", quando informações, ideias ou crenças semelhantes são amplificadas pela transmissão repetitiva dentro de um ambiente homogéneo e fechado, resultando numa falta de consideração por visões e **interpretações divergentes**. Apenas o número de pessoas "infectadas" com informações falsas pode ser observado, mas não "pelo que" elas foram infectadas.

Desde que um **estudo de 2018** afirmou que as informações falsas se espalham mais rapidamente do que a informação real, comparámos cinco plataformas de media social e observámos que informações marcadas tanto como confiáveis ou questionáveis não apresentam diferenças significativas nos seus padrões de disseminação. Por outras palavras, não existe nenhuma diferença substancial entre como as notícias falsas e as confiáveis se tendem a disseminar.

Podemos inferir que "as notícias falsas e as confiáveis se disseminam à mesma velocidade"?

A velocidade a que as informações se

espalham depende do público e das especificidades de cada plataforma de media social. Claro, as câmaras de eco desempenham um papel neste processo. Num outro nosso [estudo](#), explorámos as principais diferenças entre as plataformas líderes de media sociais e investigámos a probabilidade de como podiam influenciar a disseminação das informações e a formação das câmaras de eco.

Fizemos uma análise comparativa a mais de 100 milhões de conteúdos sobre temas polémicos no Gab, Facebook, Reddit e Twitter, com foco em dois aspectos específicos: [homofilia](#) nas redes de interacção e enviesamento na difusão de informações entre pares com ideias semelhantes.

Encontrámos diferenças significativas entre as plataformas em termos de padrões homofílicos na estrutura da rede e observámos que a agregação em grupos homofílicos de utilizadores domina a dinâmica online.

Concluimos que a disseminação é uma condição que varia de acordo com o público-alvo. A disseminação da informação é impulsionada pelo paradigma

da interacção imposto por redes sociais específicas e por padrões de interacção específicos de grupos de utilizadores interessados no tema.

Algoritmos e plataformas mudam com o tempo. Como lida com as mudanças nas regras do jogo?

Tivemos isso em consideração e usámos variáveis que são independentes do arranjo algorítmico. Actualmente, estamos a estudar como o algoritmo do Facebook, que muda ao longo do tempo, é diferente do algoritmo do Reddit, para tirar algumas conclusões sobre as diferentes dinâmicas sociais entre as duas plataformas em termos de consumo de informação. No Facebook, há uma polarização muito forte que não aparece no Reddit.

Estudos como o seu fazem-me pensar na memética, que há muitos anos é uma disciplina pouco desenvolvida. A memética é o estudo de como a cultura evolui por meio da criação, selecção e replicação ou transmissão de padrões de informação ou memes - ideias, crenças, teorias e outros tipos de constru-

ções mentais. Os dados das redes sociais parecem ter dado novas possibilidades de aprofundamento neste campo. Existe uma nova vida para a memética?

Felizmente, dado que a memética é uma nova linguagem que renasceu através da media social. Será necessário entender como lidar com ela quantitativamente, porque uma abordagem interpretativa não importa, embora continuemos a falar sobre isso de forma alargada, que é o problema em si mesmo. Observamos o processo de difusão, mas ainda não podemos voltar à origem, ao ponto zero. Observamos as dinâmicas em massa, vemos a intensificação das infecções e vemos que informações verdadeiras e falsas circulam da mesma forma, sem distinção. Tudo isso é consistente com os nossos modelos anteriores, destacando como as câmaras de eco funcionam e como as notícias se espalham dentro delas.

O objectivo dos vossos estudos é transmitir informações (verdadeiras ou falsas) da forma mais eficaz possível?

Sim, é correcto. Também queremos entender como os algoritmos desempenham um papel na fragmentação da opinião pública. Acreditamos que compreender a dinâmica social por trás do consumo de conteúdos e da media social é essencial para enfrentar os desafios globais do futuro. Uma compreensão adequada da dinâmica de disseminação da informação irá permitir implementar estratégias de comunicação mais eficientes em tempos de crise.

Que tipo de interesse demonstram os governos na vossa investigação?

Depende do contexto. O Fórum Económico Mundial valoriza muito os nossos estudos. Trazemos provas de como os contextos de informação moldam grupos e **tribos** e como a informação que circula dentro dessas tribos é consistente com a sua narrativa, também denominada de seu "totem".

O nosso modelo relativiza o conceito de fonte porque a escolha da fonte é feita por um motivo fundamental, independentemente da sua confiabilidade. É um conceito desafiador para pessoas como

jornalistas que acreditam que a fonte é o factor vital para explicar dinâmicas específicas. Bem, não é. Esses são tópicos difíceis de definir correctamente. Quando coordenei a "task force" italiana sobre "Dados da Web e impacto sócio-económico", salientei ser necessário ter um cuidado especial com a comunicação porque, em tempos de extrema incerteza, encorajar o tribalismo arrisca a só se criar desconexão e aumentar a desconfiança nas instituições. ■

**“Mitigar a
pandemia da
desinformação
'vacinando'
primeiro os
indivíduos
susceptíveis”**

Joana Gonçalves de Sá

10



Joana Gonçalves de Sá é Professora Associada Convidada do Departamento de Física do Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa e obteve uma ERC Starting Grant para estudar o comportamento humano utilizando a difusão online de "fake news" como um modelo de sistema.

Se a desinformação ("disinformation" e "misinformation") não é um problema novo, porque é que a pandemia da Covid-19 a tornou mais evidente?

A desinformação existe provavelmente desde que os humanos comunicam. Recentemente, a media social piorou o problema: as informações viajam mais rápido e nem sempre são filtradas. Pelo boca-a-boca, só se conseguia atingir um número limitado de pessoas. A media impressa poderia alcançar mais, mas havia apenas alguns fornecedores de informação - ou de desinformação! Mas agora, com a media social, todos podem ser amplificadores. A Covid-19 também tornou mais visível a desinformação que já circulava sobre a ciência, a saúde e a nutrição.

Acha que se pode combater a desinformação usando os mesmos

canais de media social utilizados para a sua divulgação?

Um [estudo](#) de 2018 mostrou que a desinformação [política] dissemina-se mais rapidamente, mais longe, mais profundamente e atinge muito mais pessoas num período de tempo menor do que as notícias "reais". Portanto, é mais fácil divulgar informações falsas do que informações verdadeiras. A questão interessante da minha perspectiva é: porquê?

O outro facto muito interessante é que contas de robôs automatizados ["bots"] espalham notícias falsas e reais ao mesmo ritmo. Esses "bots" retransmitem conteúdo mas não seleccionam entre verdadeiro e falso. Mas os humanos fazem-no! A razão pela qual a desinformação se espalha com mais eficiência do que a informação verdadeira é porque alguns humanos têm preferência pela desinformação. Porque preferimos notí-

cias falsas? Já temos algumas hipóteses e estão relacionadas com os preconceitos humanos.

Quais as hipóteses que estabeleceu no seu projecto FARE, “Fake News and Real People – Using big data to understand human behaviour”?

A maioria das nossas hipóteses - ou, na verdade, todas elas - vêm da psicologia comportamental e cognitiva. Uma vem da teoria da confirmação: é mais provável que se partilhem coisas que confirmam o que já se pensa. Outra vem do efeito Dunning-Kruger, em que pessoas com níveis de conhecimento mais baixos tendem a exagerar o quanto sabem. O que vimos é que a confiança cresce mais rápido do que o conhecimento, excepto nas pessoas que sabem muito pouco e nas que sabem muito - estas pessoas não exageram o seu conhecimento. Mas as pessoas do meio tendem a avaliar excessivamente o seu conhecimento.

Isto é o que encontramos entre os "anti-vaxxers": eles leram e pensaram sobre isso, mas estão longe de ser especialistas, embora se classifiquem como tal ou mais. Achamos que as pessoas mais sus-

ceptíveis a notícias falsas são aquelas que exageram fortemente o quanto sabem sobre um determinado assunto.

Outra hipótese vem do preconceito de grupo: as pessoas tendem a acreditar mais nas pessoas do seu grupo de amigos próximos do que nos especialistas.

Quais foram os resultados do seu projecto de investigação sobre a desinformação?

Este projecto não é tanto sobre notícias falsas, mas sim sobre como usá-las como um modelo de sistema, como os biólogos usam ratos ou moscas. A Covid-19 é particularmente interessante porque há um ano a população em geral não tinha opinião sobre máscaras ou confinamentos. Não houve antecedentes, portanto, não houve enviesamento de confirmação. E então, de repente, as pessoas polarizaram-se. Todos sabiam o que estava a acontecer e formaram uma opinião forte sobre o que deveria ser feito. É um modelo de sistema realmente interessante: como alguém se polariza? Como o faz, mesmo que não tenha ideia do que está a falar?

Pensa que o seu projecto e a "big data" nos ajudarão a encontrar uma solução para combater a desinformação?

Sim, através de "vacinação" ou de "inoculação". E existem algumas ideias sobre como podemos fazer isso. O Facebook já está a marcar o que não é uma notícia real, mas apenas para uma pequena percentagem de desinformação. Eles colocam um filtro nas notícias dizendo algo como "foi confirmado que isto é falso" e diminuem a probabilidade de ser visto no seu "feed". Noutros locais é-se solicitado a responder a algumas perguntas antes de partilhar ou comentar ou se tem de provar que leu a notícia, o que é um filtro interessante para o tédio em geral. Também se pode ter um atraso, como "este conteúdo só será partilhado daqui a oito horas". Nunca se vai acabar com a desinformação, mas há coisas que se podem fazer para a mitigar. Estas são algumas ideias, mas nenhuma delas será uma solução garantida.

Pensamos nas [notícias falsas] da mesma forma que pensamos sobre uma doença causada por um patógeno. Pode-se ter um ambiente onde o patógeno pode

espalhar-se, mas se não houver indivíduos susceptíveis, está tudo bem. Podemos trabalhar na susceptibilidade dos indivíduos, podemos trabalhar no meio ambiente ou podemos trabalhar no patógeno [notícias falsas]. As pessoas a "inocular" antes são ou aquelas muito susceptíveis [à desinformação] ou aquelas que vivem num ambiente que as torna mais propensas a serem expostas. Isso é exactamente o que estamos a fazer para impedir a disseminação da Covid-19. ■

**Sobre a negação da
ciência, desinformação
e a importância da
confiança do público
na segurança e
eficácia da vacina
Covid-19**

Philipp Schmid

11



Philipp Schmid é investigador científico no Departamento de Psicologia da Universidade de Erfurt (Alemanha). A sua investigação analisa as razões psicológicas da negação da ciência. Ele é o autor principal das linhas de acção da OMS sobre como responder aos negacionistas das vacinas em público e co-autor do *Debunking Handbook 2020*. [Esta entrevista foi publicada em Janeiro de 2021]

Como foi a sua formação e começou a liderar investigação sobre desinformação e negação da ciência?

Sou psicólogo e actualmente professor de estatística e métodos no Departamento de Psicologia da Universidade de Erfurt, na Alemanha. Escrevi a minha tese de doutoramento sobre estratégias eficazes para combater a negação da ciência e esse continua a ser o meu principal interesse de investigação. Como estudante, trabalhei em projectos de investigação focados em porque os indivíduos rejeitam ou atrasam a vacinação, mesmo quando lhes são dados os factos estatísticos. Os indivíduos encontram muitas vezes dados deturpados ou narrativas emocionais partilhadas por um negacionista da ciência, com alguns a recusarem-se a ter medidas de prevenção para salvar vidas por causa desse

conteúdo. A consciência de que a desinformação pode matar motiva-me a apoiar as pessoas na tomada de decisões informadas.

Num artigo em que foi co-autor com Cornelia Betsch e Marius Schwarzer, criticou a abordagem da media tradicional para a objectividade (apresentando os pontos de vista baseados na ciência e os dos negacionistas como iguais) por contribuírem de alguma forma para a amplificação das falsas narrativas e teorias da conspiração. Pode falar um pouco sobre isso? Já conversou com profissionais dos media e especialistas em ética sobre esse assunto?

Como os psicólogos, os jornalistas são geralmente motivados a ajudar as pessoas a manterem-se informadas e a toma-

rem decisões informadas. O chamado equilíbrio de pontos de vista dos jornalistas é muito importante para as discussões democráticas sobre opiniões diferentes, mas pode ser enganador em discussões sobre factos científicos. Por exemplo, notícias e discussões sobre como queremos lidar com a crise climática devem incluir pontos de vista de todas as partes da sociedade. No entanto, a questão de saber se as mudanças climáticas são reais, é uma questão empírica e, portanto, só pode ser abordada pela comunidade científica. Equilibrar pontos de vista sobre se a mudança climática é real pode deixar o público com a impressão de que ninguém realmente sabe a resposta, ou seja, o equilíbrio dos pontos de vista pode enganar. Vários estudos científicos mostraram os efeitos enganadores do equilíbrio. Por exemplo, um [estudo](#) por Dixon e Clark (2013) mostra que as notícias dos media equilibradas sobre a controvérsia das vacinas e do autismo podem diminuir a intenção de vacinar uma futura criança.

Os profissionais dos media também sugerem possíveis soluções para esse problema. Uma das ideias é o chamado noticiar pelo peso da prova. Uma pionei-

ra dessas notícias, Sharon Dunwoody, [descreve](#) este método como “não para determinar o que é verdade mas, em vez disso, descobrir onde a maior parte das provas e do pensamento de especialistas residem no continuum da verdade e depois comunicar isso ao público”. No estudo de Cornelia Betsch, Marius Schwarzer e meu, testámos diferentes estratégias de peso da prova e descobrimos que os jornalistas podem efectivamente reduzir o impacto negativo das mensagens de negação da ciência simplesmente alertando o público sobre o impacto potencial do equilíbrio. O trabalho de noticiar com peso da prova é um bom exemplo de como psicólogos e jornalistas podem trabalhar juntos para enfrentar alguns dos maiores desafios do nosso tempo.

Outro trabalho de que foi co-autor, o [Debunking Handbook](#), levantou alguns pontos interessantes, como o facto de as pessoas acreditarem em falsidades se elas forem repetidas com bastante frequência. Além disso, há algum consenso em termos dos efeitos de "tiro pela culatra" ("backfire effect") no corrigir a desinformação? Em termos de intervenções, que estra-

tégias funcionam melhor com os negacionistas da ciência?

O manual reflecte o estado actual do conhecimento para desmontar a desinformação e destina-se a todos os utilizadores da comunicação científica. Também aborda a questão da repetição de informações incorrectas nas correções. Uma descoberta robusta em estudos psicológicos é que as informações repetidas têm maior probabilidade de serem julgadas verdadeiras do que as informações novas porque se tornaram mais familiares. Os primeiros estudos também descobriram que esse pode ser o caso quando se procura corrigir um mito, porque as correcções geralmente repetem o mito. Isso significa que, ao corrigir o mito, pode-se acabar reforçando-o. Isso é chamado de efeito "tiro pela culatra" da familiaridade. No entanto, uma série de novos estudos não encontrou provas consistentes de efeitos sistemáticos de "tiro pela culatra". Em conclusão, acho que não há necessidade de temer esse efeito. No entanto, deve-se estar atento para não expor indevidamente os mitos. Se um mito específico não é conhecido em público, obviamente não há necessidade de o corrigir.

Outra questão é como desmascarar. O Debunking Handbook fornece algumas orientações detalhadas para isso. Por exemplo, desmascarar tem mais probabilidade de ser bem-sucedido se usarmos uma sanduiche de factos, ou seja, o mito deve estar embebido em factos científicos e ligado a uma explicação. A recomendação é cobrir a sanduiche da seguinte maneira: facto-mito-falácia-facto. Isso traduz-se em: liderar com o facto, avisar que se seguirá a desinformação, apontar as falácias lógicas ou argumentativas subjacentes à desinformação e concluir reforçando o facto. Essas correções detalhadas promovem uma mudança sustentada da crença ao longo do tempo.

Considerando o facto de que o grande desafio é a disposição das pessoas para tomarem a vacina da Covid-19, como aconselharia as autoridades de saúde e os governos a fazê-lo? Quais são os principais problemas para a sua aceitação?

Inquéritos representativos da opinião pública, como o Covid-19 Snapshot Monitoring (COSMO) na Alemanha, revelam que a confiança na segurança e eficácia

da vacina terá um papel importante. A falta de confiança na vacinação é frequentemente o resultado de desinformação e uma lição do *Debunking Handbook* é que em tempos como este devemos concentrar-nos primeiro na prevenção. Desmascarar não será necessário se pudermos inocular o público contra a desinformação. De acordo com a inoculação psicológica, os indivíduos podem responder adequadamente aos argumentos dos negacionistas da ciência se aprenderem a formular contra-argumentos com antecedência. Investigação sobre negação da ciência (por exemplo, [Diethelm e McKee, 2009](#)), mostra que os negacionistas da ciência tendem a usar as mesmas cinco técnicas retóricas para persuadir outros: falsos especialistas, teorias da conspiração, lógica falsa, expectativas impossíveis e escolha seletiva. Por exemplo, os negacionistas das vacinas usam expectativas impossíveis ao afirmar que as vacinas devem ser 100% seguras quando nenhum produto médico de cirurgia cardíaca a analgésicos é 100% seguro.

Essas técnicas provavelmente serão usadas com a vacina Covid-19, portanto, saber disso com antecedência pode

ajudar a conceber estratégias de comunicação para alertar o público e equipá-lo com contra-argumentos sólidos. No entanto, além da desinformação, a complacência é outra determinante importante da hesitação da vacina. A complacência está relacionada com a falta de consciência da ameaça da doença evitável por vacina. O COSMO na Alemanha mostra que, se a Covid-19 não for percebida como uma ameaça, a intenção de vacinar diminui. A complacência pode ser o principal factor de hesitação à vacina entre indivíduos que não são considerados membros de um grupo de risco, como os mais jovens. No entanto, um [estudo](#) revela que os indivíduos estão mais dispostos a vacinarem-se quando conhecem o conceito de imunidade de grupo. Conclui-se que destacar o benefício social da vacinação pode aumentar a vontade de ser vacinado.

Porque acha que um número crescente de pessoas em todo o mundo acredita nas teorias da conspiração da Covid-19? Se as causas disso são psicológicas, significa que se deve basear qualquer resposta na psicologia, e não apenas na ciência?

O trabalho de Karen Douglas na Universidade de Kent mostra que as teorias da conspiração são atraentes por razões que estão enraizadas em motivos epistémicos, existenciais e sociais. Em primeiro lugar, os indivíduos procuram encontrar explicações causais para eventos importantes, como uma pandemia. As teorias da conspiração (por exemplo, que a Covid-19 é uma arma biológica) fornecem uma explicação simples - isto é, satisfazem uma necessidade epistémica. Em segundo, os indivíduos procuram sentirem-se seguros. Outras teorias de conspiração (por exemplo, que a Covid-19 não existe) fornecem uma maneira simples de sair de um ambiente ameaçador, fornecendo uma ilusão de segurança - ou seja, satisfazem uma necessidade existencial. Terceiro, os indivíduos querem pertencer a um grupo social e as teorias da conspiração são uma maneira fácil de definir um grupo intragrupal (os crentes) e um grupo externo (os conspiradores que estão realmente no controlo e são os culpados) - isto é, satisfazem uma necessidade social. Independentemente dos motivos, estudos mostram que a crença em teorias da conspiração leva a uma diminuição na disposição de cumprir medidas de prevenção, como o uso de

máscaras. Identificar medidas eficazes para prevenir a propagação da Covid-19 pode ser apenas um alicerce numa luta eficaz contra a doença. Outro bloco de construção é entender o comportamento humano e facilitar decisões informadas. ■

Ligações úteis:

[Weight-of-evidence strategies to mitigate the influence of messages of science denialism in public discussions.](#)

[Effective strategies for rebutting science denialism in public discussions.](#)

[How to respond to vocal vaccine deniers in public.](#)

**Histórias e
contra-histórias.
Itinerário das
notícias falsas
online**

**Adrien Basdevant
e Rahaf Harfoush**

12

Se a Web se iniciou com um modelo utópico da partilha de informações, a sua democratização afastou-se da utopia comunitária inicial.

No novo modelo da Web em rede, de criação e partilha planetários, o espaço público é fragmentado, levando assim a uma perda de confiança.

As seguintes notas recapitulam os pontos-chave do dossier "[Récits et contre-récits - Itinéraire des fausses informations en ligne](#)" do Conseil National du Numérique francês.

1. (Re)construir uma narrativa colectiva baseada num terreno de conhecimento comum.

As narrativas legítimas que estruturaram a sociedade são cada vez mais questionadas, até porque as instituições e os intermediários que as veiculam perderam a sua legitimidade junto de determinados públicos.

É portanto necessário que o Estado, os media e outras instituições públicas

valorizem a alteridade como condição para o debate público equilibrado e redefinam uma base de conquistas partilhadas.

2. Definir uma abordagem complexa para a conspiração.

A conspiração deve ser vista como uma dinâmica complexa entre empreendimento político, relação com o facto democrático, motivação económica, estudo do corpo social, crenças, etc.

Apenas uma visão sistémica permite compreender o fenómeno e lutar contra o mesmo.

3. Aprender com o passado.

A criação de informações falsas pode ser descendente, proveniente de actores institucionais. No caso das campanhas de ingerência, acções específicas podem ser activadas: aumento da transparência, partilha de dados, bem como a colaboração entre as diversas partes para aprender mais com as nossas experiências passadas.

4. Aumentar a cooperação entre os actores.

Estados, plataformas, cidadãos, associações, investigadores,... é essencial aumentar a transparência, a escuta e a cooperação entre aqueles que lutam contra a desinformação para garantir uma boa análise dos dados e as observações e para identificar as acções eficazes.

5. Restaurar as fontes de informação de confiança, nomeadamente pelo reforço do número de jornalistas por redacção.

Aumento exponencial da quantidade de informação disponível, instantaneidade de um evento e da sua mediatização, mudança de modelo económico: a Internet revolucionou os media com efeitos por vezes deletérios sobre as informações partilhadas.

Importa poder considerar o número de jornalistas que devem ser incluídos nos meios de comunicação e a propriedade dos meios de comunicação, em particular com o objectivo de garantir a transparência da sua governação.

6. Além da moderação, enquadrar a ampliação dos conteúdos online e permitir aos utilizadores de modelarem as recomendações algorítmicas de acordo com as suas preferências.

A difusão de informações falsas explica-se em primeiro lugar pelos mecanismos psico-sociais universalmente partilhados. Existe uma correlação entre a propensão para acreditar em notícias falsas e o extremismo político.

As redes sociais têm aproveitado estes enviesamentos cognitivos na amplificação algorítmica de determinados conteúdos, mas os grupos de desinformação também eles estão a usar os algoritmos em seu benefício.

7. Verificação, certificação e hierarquização dos conteúdos: melhorar a rastreabilidade e a fiabilidade das fontes.

Apesar da circulação livre das informações, é preciso não colocar num mesmo plano todos os discursos presentes no espaço público. O digital tende a nivelar as vozes, independentemente da experiência e das metodologias subjacentes. As plataformas são protagonistas pois as

suas ferramentas influenciam a percepção e a visibilidade que os utilizadores têm das informações.

8. Todos actores da verificação.

A higiene informática sendo também uma preocupação dos cidadãos, face a conteúdos que cada vez mais esbatem a fronteira entre o verdadeiro e o falso, o reforço da educação para os media, a começar pela formação de responsáveis de enquadramento, continua a ser um eixo sobre o qual se deve alargar as acções e aumentar os recursos. ■

Identificar e lidar com as teorias da conspiração

Comissão Europeia e UNESCO

A pandemia do coronavírus viu um aumento nas teorias de conspiração prejudiciais e enganadoras, disseminando-se principalmente online. Para lidar com essa tendência, a **Comissão Europeia** e a **UNESCO** divulgaram um conjunto de dez infografias educativas que ajudam os cidadãos a identificar, desmontar e conter as teorias da conspiração.

TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO: O que são? Porque têm tanto êxito?

ATENÇÃO: COM A PANDEMIA DE COVID-19, ASSISTIU-SE A UM AUMENTO DAS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO NOCIVAS E ENGANOSAS. PODE SER DIFÍCIL RECONHECÊ-LAS OU SABER A MELHOR FORMA DE LIDAR COM ELAS.

1. O que são?

→ A crença de que determinados acontecimentos ou situações são manipulados secretamente, por trás dos bastidores, por forças poderosas e mal-intencionadas.

2. As teorias da conspiração têm estas seis coisas em comum:

- 1 Um alegado plano secreto.
- 2 Um grupo de conspiradores.
- 3 «Elementos de prova» que parecem confirmar a teoria da conspiração.
- 4 Falsas sugestões de que nada acontece por acaso e que não há coincidências, nada é o que parece e tudo está interligado.
- 5 A divisão do mundo entre «bons» e «maus».
- 6 A designação de pessoas ou grupos como bodes expiatórios.

3. Porque têm tanto êxito?

→ Surgem frequentemente como uma explicação lógica de acontecimentos ou situações difíceis de compreender e criam uma falsa sensação de controlo e de domínio da situação. Esta necessidade de clareza aumenta em períodos de incerteza como a pandemia de COVID-19.

4. Como se desenvolvem?

→ As teorias da conspiração desenvolvem-se frequentemente a partir de suspeitas. Colocam a questão de saber quem beneficia do evento ou da situação, identificando assim os conspiradores. Quaisquer «elementos de prova» são, em seguida, forçados a encaixar na teoria elaborada.

Uma vez enraizadas, as teorias da conspiração podem rapidamente alastrar-se. São difíceis de refutar porque qualquer pessoa que o tente fazer passa a ser considerada parte da conspiração.

5. As pessoas espalham teorias da conspiração por diferentes motivos:

→ A maioria crê que são verdadeiras. Outras pretendem deliberadamente provocar, manipular ou atingir certas pessoas por razões políticas ou financeiras. Atenção: podem provir de muitas fontes, por exemplo, da Internet ou de amigos e familiares.

Agradecimentos a Michael Butter, coautor de COMPACT Guide to Conspiracy Theories (Guia Compacto das Teorias da Conspiração), e a John Cook e Stephan Lewandowski, autores de The Debunking Handbook (Guia Prático para Desmentir Notícias Falsas) e The Conspiracy Theory Handbook (Manual das Teorias da Conspiração).



O PRIMEIRO PASSO PARA EVITAR TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO É SABER QUE EXISTEM. MANTENHA-SE VIGILANTE. TRAVE A DIFUSÃO.



European Commission

TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO: Será isto verdade? Verifique antes de partilhar

ATENÇÃO: COM A PANDEMIA DE COVID-19, ASSISTIU-SE A UM AUMENTO DAS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO NOCIVAS E ENGANOSAS. PODE SER DIFÍCIL RECONHECÊ-LAS OU SABER A MELHOR FORMA DE LIDAR COM ELAS.

Verifique o autor - quem escreve isto e porquê?



Verifique a fonte - é fiável e tem boa reputação?



Verifique o tom e o estilo: o conteúdo é equilibrado e razoável ou sensacionalista e unidimensional?



O que é uma conspiração real?

Há grandes e pequenas conspirações que são, DE FACTO, reais. Estão frequentemente centradas em eventos únicos e autónomos, como um assassínio ou um golpe de Estado, ou em determinados indivíduos. São descobertas por denunciante e meios de comunicação social, assentando em factos e elementos de prova verificáveis.

Quer conhecer uma conspiração real?



Em 2006, o Tribunal Distrital de Washington DC (EUA) considerou as grandes empresas de cigarros culpadas de conspiração. Durante décadas, dissimularam provas dos riscos do consumo de tabaco para a saúde, a fim de aumentar as suas vendas.



—LA Times, 2006

Agradecimentos a Michael Butter, coautor de COMPACT Guide to Conspiracy Theories (Guia Compacto das Teorias da Conspiração), e a John Cook e Stephan Lewandowski, autores de The Debunking Handbook (Guia Prático para Desmentir Notícias Falsas) e The Conspiracy Theory Handbook (Manual das Teorias da Conspiração).



VERIFIQUE AS SUAS FONTES.
NA DÚVIDA, NÃO PARTILHE.
TRAVE A DIFUSÃO.



European Commission

TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO:

O que fazer quanto às minhas próprias crenças?



ATENÇÃO: COM A PANDEMIA DE COVID-19, ASSISTIU-SE A UM AUMENTO DAS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO NOCIVAS E ENGANOSAS. PODE SER DIFÍCIL RECONHECÊ-LAS OU SABER A MELHOR FORMA DE LIDAR COM ELAS.

NINGUÉM ESTÁ LIVRE DOS PRECONCEITOS OU RECEIOS QUE PODEM LEVAR A ACREDITAR NUMA TEORIA DA CONSPIRAÇÃO. QUAL A ORIGEM DOS MEUS RECEIOS, CRENÇAS E VALORES?



**Faça uma entrevista a si próprio:
Porque acredito no que acredito**

- Qual a origem dos meus receios, crenças e valores? De que forma afetam as minhas decisões e a minha capacidade de interação com as pessoas?
- Tenho preconceitos e acredito em estereótipos? Porquê?
- Sinto-me desfavorecido(a)? De que forma?
- Sinto a necessidade de culpar alguém? Porquê?
- Como escolher as minhas fontes de informação?
- A situação mudou desde o surto de COVID-19?



A COVID-19 É ASSUSTADORA. É NORMAL QUE NOS SINTAMOS IMPOTENTES E PROCUREMOS RESPOSTAS. TENHA EM MENTE QUE NINGUÉM É RESPONSÁVEL PELA CRIAÇÃO DO VÍRUS, MAS TODOS PODEMOS AJUDAR A TRAVAR O SURTO.

Agradecimentos a Michael Butter, coautor de *COMPACT Guide to Conspiracy Theories* (Guia Compacto das Teorias da Conspiração), e a John Cook e Stephan Lewandowski, autores de *The Debunking Handbook* (Guia Prático para Desmentir Notícias Falsas) e *The Conspiracy Theory Handbook* (Manual das Teorias da Conspiração).



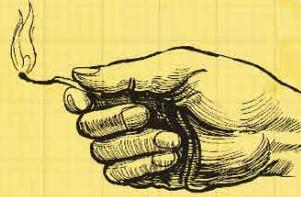
**EVITE A SOBRECARGA DE INFORMAÇÃO.
BASEIE-SE EM INFORMAÇÕES VERIFICADAS.
TRAVE A DIFUSÃO.**



**European
Commission**

#PenseAntesDePartilhar

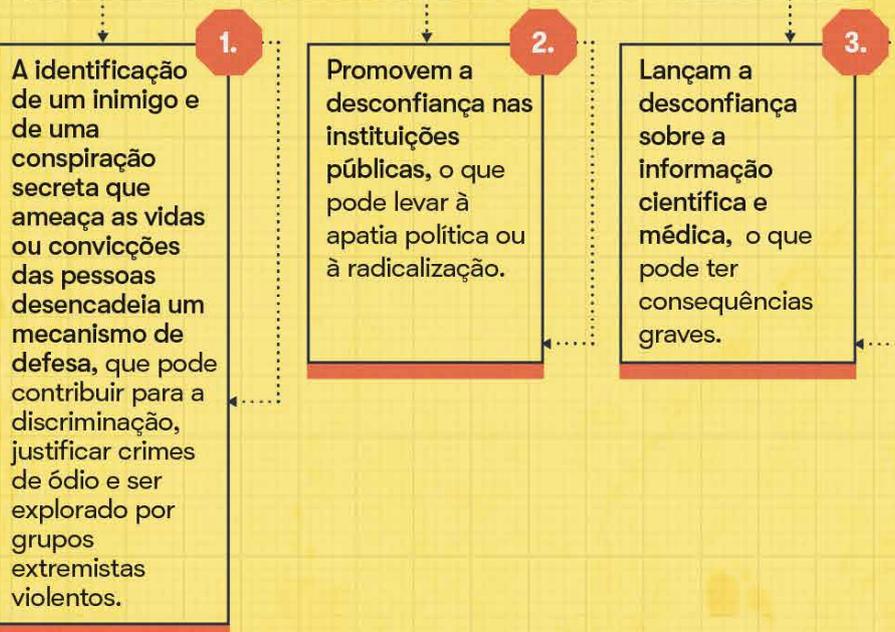
TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO: Podem ser perigosas



ATENÇÃO: COM A PANDEMIA DE COVID-19, ASSISTIU-SE A UM AUMENTO DAS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO NOCIVAS E ENGANOSAS. PODE SER DIFÍCIL RECONHECÊ-LAS OU SABER A MELHOR FORMA DE LIDAR COM ELAS.

As teorias da conspiração visam frequentemente ou discriminam um grupo inteiro, que é visto como o inimigo por trás de uma ameaça real ou imaginária. Polarizaram a sociedade e alimentam o extremismo violento. Apesar de a maioria das pessoas que difundem teorias da conspiração acreditar verdadeiramente nessas teorias, outras utilizam-nas de forma cínica para criar esses efeitos.

Como as teorias da conspiração podem causar danos



ATENÇÃO!



Os «grupos de fora» da sociedade têm especial propensão para ser alvos de teorias da conspiração, discursos de ódio e campanhas de desinformação. Tal inclui pessoas de origem, religião ou orientação sexual diferente. No contexto da COVID-19, certos grupos específicos foram frequentemente responsabilizados pela propagação do vírus na Europa, incluindo as pessoas de origem asiática, os judeus, os muçulmanos, os ciganos e as pessoas que se identificam como LGBTI+ (FRA, 2020).

Agradecimentos a Michael Butter, coautor de COMPACT Guide to Conspiracy Theories (Guia Compacto das Teorias da Conspiração), e a John Cook e Stephan Lewandowski, autores de The Debunking Handbook (Guia Prático para Desmentir Notícias Falsas) e The Conspiracy Theory Handbook (Manual das Teorias da Conspiração).



AS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO PODEM TER CONSEQUÊNCIAS GRAVES. TOME-AS A SÉRIO. VERIFIQUE ANTES DE PARTILHAR. TRAVE A DIFUSÃO.



European Commission

TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO:

Ligação com o antissemitismo



ATENÇÃO: COM A PANDEMIA DE COVID-19, ASSISTIU-SE A UM AUMENTO DAS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO NOCIVAS E ENGANOSAS. PODE SER DIFÍCIL RECONHECÊ-LAS OU SABER A MELHOR FORMA DE LIDAR COM ELAS.

- Nem todas as teorias da conspiração visam os judeus, mas os judeus têm sido alvo de teorias da conspiração durante séculos. Os judeus têm sido falsamente responsabilizados por momentos de crise, como doenças, guerras ou crises económicas.
- Algumas das narrativas antissemitas mais comuns incluem alegações de que «os judeus» controlam o governo, os meios de comunicação social ou os bancos para fins maléficos. Apesar das amplas provas históricas, alguns antissemitas alegam falsamente que o Holocausto foi causado pelos judeus ou nunca aconteceu.

O que importa detetar:

- Uma linguagem claramente insultuosa ou pejorativa
- Uma linguagem antissemita implícita ou codificada (por exemplo, nos Estados Unidos, a referência às «elites da Costa Leste»)
- Associa as alegadas conspirações a indivíduos ou grupos judeus (por exemplo, a família Rothschild ou o filantropo George Soros) ou ao Estado de Israel
- Faz referência aos «Protocolos dos Sábios de Sião», um pseudo manifesto falsificado de um plano judaico de dominação mundial, que está por trás de muitas narrativas de conspiração antissemitas

Agradecimentos a Michael Butter, coautor de *COMPACT Guide to Conspiracy Theories* (Guia Compacto das Teorias da Conspiração), e a John Cook e Stephan Lewandowski, autores de *The Debunking Handbook* (Guia Prático para Desmentir Notícias Falsas) e *The Conspiracy Theory Handbook* (Manual das Teorias da Conspiração).



O ANTISSEMITISMO É UMA FORMA DE DISCRIMINAÇÃO. VERIFIQUE ANTES DE PARTILHAR. TRAVE A DIFUSÃO.



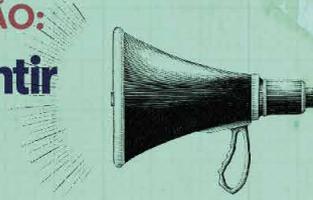
European
Commission



WORLD
JEWISH
CONGRESS

#PenseAntesDePartilhar

TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO: Desconfiar e desmentir



ATENÇÃO: COM A PANDEMIA DE COVID-19, ASSISTIU-SE A UM AUMENTO DAS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO NOCIVAS E ENGANOSAS. PODE SER DIFÍCIL RECONHECÊ-LAS OU SABER A MELHOR FORMA DE LIDAR COM ELAS.

É DIFÍCIL TRAVAR A PROPAGAÇÃO DAS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO. NÃO EXISTE UMA SOLUÇÃO ÚNICA. DEPENDE DO NÍVEL DE EXPOSIÇÃO. AS PESSOAS QUE ACREDITAM FIRMEMENTE NAS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO SÃO EXTREMAMENTE DIFÍCEIS DE ALCANÇAR.

Nível 1: Baixa exposição a teorias da conspiração



DESCONFIAR -

As pessoas atentas são mais resilientes:

- Alertar desde logo as pessoas para a existência das teorias da conspiração.
- Incentivar o pensamento racional, questionar e verificar os factos.
- Alertar as pessoas para os argumentos subjacentes às teorias da conspiração mais divulgadas sobre a COVID-19 e para as principais características do pensamento conspirativo - desconfiança nos relatos oficiais, recusa de elementos de prova em contrário, reinterpretação de eventos aleatórios como parte de uma evolução mais ampla.

Nível 2: Alta exposição a teorias da conspiração



DESMENTIR -

A importância dos factos e da lógica

A FAZER:

- ✓ Concentre-se nos factos que quer comunicar e não no mito que quer desmascarar.
- ✓ Escolha o seu alvo: o autor, a fonte ou a lógica subjacente à teoria da conspiração.
- ✓ Afirme sempre claramente que as informações são erradas, antes de citar uma teoria da conspiração.
- ✓ Apresente uma explicação alternativa baseada em factos.
- ✓ Se possível, utilize elementos visuais para apoiar os seus argumentos.

A EVITAR:

- ✗ Não se concentre desde o início na teoria da conspiração. Não a reforce.
- ✗ Não transmita informações em excesso.

Agradecimentos a Michael Butter, coautor de COMPACT Guide to Conspiracy Theories (Guia Compacto das Teorias da Conspiração), e a John Cook e Stephan Lewandowski, autores de The Debunking Handbook (Guia Prático para Desmentir Notícias Falsas) e The Conspiracy Theory Handbook (Manual das Teorias da Conspiração).

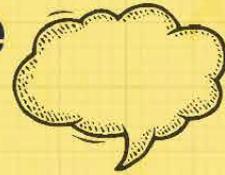


SAIBA COMO AGIR.
TRAVE A DIFUSÃO.



European
Commission

TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO: Como falar com alguém que nelas acredita firmemente?



ATENÇÃO: COM A PANDEMIA DE COVID-19, ASSISTIU-SE A UM AUMENTO DAS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO NOCIVAS E ENGANOSAS. PODE SER DIFÍCIL RECONHECÊ-LAS OU SABER A MELHOR FORMA DE LIDAR COM ELAS.

MUITOS CONSPIRACIONISTAS ESTÃO PROFUNDAMENTE CONVENCIDOS DAS SUAS CRENÇAS. TODA A SUA VISÃO DA VIDA E DO MUNDO BASEIA-SE NESSAS CONVICÇÕES.

Quando fala com alguém que acredita firmemente numa teoria da conspiração, tenha consciência de que:

- ! Qualquer argumento que desafie a teoria da conspiração pode ser tomado como prova de que faz parte da conspiração e reforçar essa crença.
- ! Provavelmente essas pessoas acreditam em mais do que uma teoria da conspiração.
- ! Não provavelmente defender com firmeza as suas convicções.

Então, o que fazer?

- ✓ Incentivar o debate aberto e o questionar.
- ✓ Fazer perguntas pormenorizadas sobre a teoria, a fim de desencadear a autorreflexão.
- ✓ Recorrer a antigos conspiracionistas de confiança que tenham acreditado na mesma coisa.
- ✓ Ser prudente e utilizar uma variedade de fontes sobre o tema.
- ✓ Não ridicularizar. Tentar compreender por que razão acreditam no que acreditam.
- ✓ Mostrar empatia. Muitas vezes essas pessoas podem estar genuinamente receosas e assustadas.
- ✓ Avançar passo a passo. Concentrar-se em simples factos e na lógica, em vez de procurar abranger os mais ínfimos pormenores.
- ✓ Não forçar. Uma pressão excessiva poderá ser contraproducente. Dar tempo para processarem e tentar de novo.

Agradecimentos a Michael Butter, coautor de COMPACT Guide to Conspiracy Theories (Guia Compacto das Teorias da Conspiração), e a John Cook e Stephan Lewandowski, autores de The Debunking Handbook (Guia Prático para Desmentir Notícias Falsas) e The Conspiracy Theory Handbook (Manual das Teorias da Conspiração).



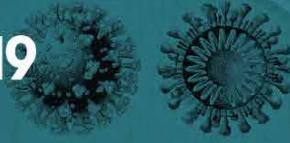
UTILIZAR A EMPATIA E AS PERGUNTAS.
TRAVE A DIFUSÃO.



European
Commission

#PenseAntesDePartilhar

TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO: Ligação com a COVID-19



ATENÇÃO: COM A PANDEMIA DE COVID-19, ASSISTIU-SE A UM AUMENTO DAS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO NOCIVAS E ENGANOSAS. PODE SER DIFÍCIL RECONHECÊ-LAS OU SABER A MELHOR FORMA DE LIDAR COM ELAS.

A COVID-19 é uma nova doença causada pelo coronavírus mais recentemente descoberto. Os dados científicos mostram que os coronavírus são geralmente originários de animais. A fonte animal da COVID-19 ainda não foi confirmada (OMS, 2020).



→ A incerteza, o medo e a complexidade da pandemia de COVID-19 alimentaram as teorias da conspiração. Estas procuram «explicar» porque se verificou a pandemia e quem dela beneficia.

TENHA CUIDADO, AS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO SÃO ENGANOSAS: IGNORAM AS PROVAS CIENTÍFICAS E CULPAM INDIVÍDUOS E GRUPOS QUE NÃO SÃO RESPONSÁVEIS PELA PANDEMIA. NÃO AS PARTILHE.

Quais são os sinais de alerta?



-  Alegar que o vírus foi criado artificialmente (por exemplo, num laboratório) por pessoas com um interesse específico (por exemplo, reduzir a população mundial).
-  Alegar que o vírus se espalhou intencionalmente, ou que a sua propagação natural foi artificialmente aumentada para prejudicar o maior número possível de pessoas (por exemplo, através dos sinais 5G).
-  Alegar que as vacinas e os tratamentos são intencionalmente retidos para não perturbar a disseminação do vírus, a fim de prejudicar o maior número possível de pessoas.
-  Alegar que certas medidas sanitárias destinadas a combater a propagação do vírus são utilizadas para prejudicar ou controlar intencionalmente a sociedade (por exemplo, vacinas, máscaras).

Lembre-se que ninguém é responsável pela criação do vírus, mas todos podemos ajudar a travar o surto.



Um estudo global de 28 países revelou que mais de 3 em cada 10 pessoas consideram que uma potência estrangeira ou outra força está a provocar deliberadamente a propagação da COVID-19 (Gallup International, março de 2020).

Agradecimentos a Michael Butter, coautor de COMPACT Guide to Conspiracy Theories (Guia Compacto das Teorias da Conspiração), e a John Cook e Stephan Lewandowski, autores de The Debunking Handbook (Guia Prático para Desmentir Notícias Falsas) e The Conspiracy Theory Handbook (Manual das Teorias da Conspiração).



BASEIE-SE EM INFORMAÇÕES VERIFICADAS. NA DÚVIDA, NÃO PARTILHE. TRAVE A DIFUSÃO.



European Commission

TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO: Contramedidas concretas



ATENÇÃO: COM A PANDEMIA DE COVID-19, ASSISTIU-SE A UM AUMENTO DAS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO NOCIVAS E ENGANOSAS. PODE SER DIFÍCIL RECONHECÊ-LAS OU SABER A MELHOR FORMA DE LIDAR COM ELAS.

SE TIVER A CERTEZA DE QUE IDENTIFICOU UMA TEORIA DA CONSPIRAÇÃO, EM VEZ DE A IGNORAR, REAJA. EIS ALGUMAS FORMAS CONCRETAS DE O FAZER:



Nas redes sociais:

- Comentar com informação verificada (por exemplo, a partir de uma página Web de verificação de factos)
- NÃO partilhar a publicação.

Em sítios Web e blogues:



- Contactar o autor ou o gestor do sítio com informações devidamente verificadas e solicitar-lhes que corrijam
- NÃO partilhar o sítio ou a publicação.



Em órgãos de comunicação social:

- Contactar o conselho de redação
- Contactar o conselho de imprensa local/nacional ou o Provedor da comunicação social
- NÃO partilhar o material.

Agradecimentos a Michael Butter, coautor de COMPACT Guide to Conspiracy Theories (Guia Compacto das Teorias da Conspiração), e a John Cook e Stephan Lewandowski, autores de The Debunking Handbook (Guia Prático para Desmentir Notícias Falsas) e The Conspiracy Theory Handbook (Manual das Teorias da Conspiração).



**BASEIE-SE EM INFORMAÇÕES VERIFICADAS.
CONTRADIGA AS INFORMAÇÕES FALSAS.
TRAVE A DIFUSÃO.**



European
Commission

